

cinemateca

NOVEMBRO 2024



CHRIS MARKER

ERIK HAMPE FAUSTMAN

**HISTÓRIAS DO CINEMA:
ART THEATRE GUILD/MIGUEL PATRÍCIO**

**DO CINEMA DE ESTADO
AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA**

CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA

Começamos novembro mostrando um verdadeiro filme de *Halloween*, *A CASA FANTASMA*, uma animação com *motion capture*, cheia de aventura e *suspense*, com alguns sustos fantásticos à séria, que é também um grande filme sobre a adolescência e a descoberta do mundo dos adultos (atenção à classificação etária). No segundo sábado do mês temos uma sessão descontraída, com um filme que nos chega da antiga Checoslováquia e dos anos 60, "KÁTIA E O CROCODILO". É a preto e branco, mas nem por isso deixa de estar cheio do colorido da imaginação e poesia do mundo infantil, e muita, muita barafunda e diversão. A meio do mês, no sábado dia 16, temos uma oficina em estreia, *CADERNETA DE EMOÇÕES*. Partindo de um filme, vamos chegar a uma caderneta de cromos dedicada às emoções, no cinema e na vida. Não esquecer a marcação até ao dia 9. No mesmo sábado, temos uma sessão especial com a apresentação dos vários filmes que acabam de vencer o Prémio Mário Ruivo – Gerações Oceânicas, que todos os anos distingue curtas-metragens filmadas por jovens portugueses e dedicadas aos oceanos, e este ano às alterações climáticas. A viagem do sábado seguinte é a Angola, um país que já foi uma colónia portuguesa e onde se fala a nossa língua. *NA CIDADE VAZIA* é um filme de 2002, feito pouco depois do fim de uma longa guerra civil, e conta as aventuras e desventuras do pequeno N'dala, que a guerra arrastou para a desconhecida cidade de Luanda, a capital do país. A terminar o mês, vamos fazer uma viagem no tempo, comemorando os 100 anos do cinema Tivoli, em Lisboa. O Tivoli abriu nos tempos áureos do cinema cómico mudo, e um dos filmes que passou no seu primeiro ano de atividade foi a primeira e aclamada longa-metragem de Harold Lloyd, *GRANDMA'S BOY* (1922), que se chamou no nosso país *HAROLD, NETO MIMADO*. Vai ser uma estreia na Cinemateca Júnior, e terá como convém acompanhamento ao piano com música original de Catherine Morisseau!

▶ Sábado [02] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MONSTER HOUSE

A Casa Fantasma
de Gil Kenan

Estados Unidos, 2006 – 91 min / dobrado em português | M/12

Vivendo nos subúrbios da cidade, um rapaz descobre que a casa vizinha, de fachada meio arruinada, guarda segredos perigosos, pois tudo o que é lançado para o quintal desaparece misteriosamente. Quando uma amiga também desaparece, o rapaz, com outro amigo, tenta encontrá-la. Descubrem, assustados, que a casa "fantasma" está "viva"! Um filme que combina aventura e humor com doses generosas de *suspense*, fantástico e medo, e que nos traz à memória os clássicos de aventuras juvenis dos anos 80.

▶ Sábado [09] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KÁTIA A KROKODÝL

"Katia e o Crocodilo"

de Vera Simková

com Yveta Hollauerová, Ondřej Jandera,
Minka Malá, Antonín Nedvídek

Checoslováquia, 1966 – 66 min / legendado em português | M/6

Um rapaz confia a Kátia os animais da sua escola, que se comprometeu a guardar durante as férias: dois coelhos, um macaquinho; um estorninho palrador; ratinhos brancos, uma tartaruga e um crocodilo bebé. Mas a banheira transborda, o crocodilo foge, o pássaro voa. Todos os animais se espalham pela cidade e no seu encaço parte uma multidão em perseguição delirante. Que aventura!

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

▶ Sábado [16] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca

OFICINA

CADERNETA DE EMOÇÕES

conceção e orientação: Maria Remédio
duração: 2 horas

para crianças dos 6 aos 10 anos

preço: 4€ por criança

marcação prévia até 9 de novembro

para cinemateca.junior@cinemateca.pt

Vamos ver um documentário filmado num rolo de 10 minutos. Durante esse tempo assistimos a um filme onde outras pessoas assistem a um espetáculo. Que emoções sentem as pessoas dentro do filme? Que emoções sentimos nós a ver o filme? Nesta oficina vamos fazer uma caderneta de emoções inspirada na visualização do filme *TEN MINUTES OLDER* de Hertz Frank, realizado em 1978, e na nossa experiência de vida neste planeta Terra, desde que nascemos até agora! Vamos usar a fotografia, o movimento e uma mão cheia de cromos!

▶ Sábado [16] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO PRÉMIO MÁRIO RUIVO

Esta sessão será composta pelos filmes premiados na 4ª edição do Prémio Mário Ruivo – Gerações Oceânicas, este ano com o tema *O Oceano e as alterações climáticas*. O Prémio Mário Ruivo galardoa anualmente filmes de curta-metragem (até sete minutos) sobre a importância do oceano, feitos por jovens portugueses com idades entre os 14 e os 21 anos, individualmente ou em equipas (para saber mais, consultar www.premiomario ruivo.pt).

Entrada livre mediante levantamento de bilhetes
30 minutos antes da sessão

▶ Sábado [23] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A VISITA

de Virgínia Silva

Angola, 1975 – 5 min

NA CIDADE VAZIA

de Maria João Ganga

Portugal, Angola, 2004 – 88 min

duração total da projeção: 93 min | M/6

Angola 1991. Um grupo de crianças cujos pais foram vítimas da guerra civil, segue num avião à guarda de uma freira, rumo à capital, Luanda. Uma delas é o pequeno N'dala, de 11 anos, que se afasta do grupo, determinado a voltar à sua terra natal, Bié. Enquanto o procuram, N'dala vai deambular sozinho pela cidade que não conhece, procurando sobreviver. Em *NA CIDADE VAZIA*, vamos acompanhar a sua vagabundagem e descobrir a cidade de Luanda e as vidas das pessoas com quem N'dala se vai cruzando. Em complemento, exibe-se *A VISITA*, filme de animação de um conjunto, pioneiro e com propósitos de educação política, realizado por Virgínia Silva para a televisão pública de Angola imediatamente após a independência. A sessão integra também o *Ciclo "Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado: Angola"* (ver pág. 09).

▶ Sábado [30] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GRANDMA'S BOY

Harold, Neto Mimado

de Fred C. Newmeyer

com Harold Loyd, Mildred Davis,

Anna Townsend, Charles Stevenson

Estados Unidos, 1922 – 60 min / mudo, legendado em português | M/6

SESSÃO ACOMPANHADA AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

GRANDMA'S BOY estreou em Portugal no cinema Tivoli, no primeiro ano de atividade deste (segundo consta, a 12 de outubro de 1925). É a primeira longa-metragem "de" Harold Lloyd que, entre 1913 e 1922, tinha feito rir em largas dezenas de curtas-metragens como era norma na época. Neste filme, Harold é o costumeiro rapaz exemplar, mas tímido e incapaz de se defender dos abusos dos rufias. Com a ajuda da avó, vai ter de ganhar coragem para enfrentar não só o rival que disputa a rapariga que ama, mas também o vagabundo delinquente que ameaça a sua pacata cidade.

ÍNDICE

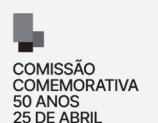
CINEMATECA JÚNIOR	02
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS (PARTE I)	03
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA	06
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DE ESTADO: ANGOLA	07
ERIK HAMPE FAUSTMAN – DIVERGÊNCIA A CINZENTO	10
HISTÓRIAS DO CINEMA:	
ART THEATRE GUILD/MIGUEL PATRÍCIO	11
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?	13
ISSO É BRASIL:	
60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES	15
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN'S FILM FESTIVAL	16
A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM:	
TRINH T. MINH-HA	17
A CINEMATECA COM O CENTRO DE ARTE MODERNA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN	17
COM A LINHA DE SOMBRA	18
ANTE-ESTREIAS	18
CALENDÁRIO	19/20

CAPA

SANS SOLEIL de Chris Marker [França, 1983]

AGRADECIMENTOS

Antonio Ole, Ery Claver, Fradique, João Sousa Cardoso, Luandino Vieira, Pocas Pascoal, Maria João Ganga, Zezé Gamboa; Carmen Accaputo (Cineteca di Bologna); Machálek Juraj (Cinemateca de Praga); Julien Faraut (Institut National du Sport, de l'Expertise et de Performance); Ayaka Ota (Japan Foundation); Lynanne Schweighofer (Library of Congress); Melinda Robertson (National Film and Sound Archive of Australia); Kajsa Hedström, Stefan Ramstedt (Swedish Film Institute); Nathanaël Arnould (INA); Lucy Barreto, Manuella Braz, Gisele Hiltl, Vera Zaverucha, Paulo Soares, Jorge Cohen, Jorge António, Luís Correia, Alberto Berzosa.



Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS (PARTE I)

Em colaboração com a Festa do Cinema Francês



Em novembro e dezembro a Cinemateca, em colaboração com a 25ª Festa do Cinema Francês, organiza uma retrospectiva que se pretende integral do cinema realizado por Chris Marker, envolvendo ainda alguns filmes em que colaborou. Cineasta, fotógrafo, escritor, viajante e escritor, Chris Marker (1921-2012) criou, ao longo de seis décadas, uma obra multifacetada que atravessou vários campos, sem se fixar. No cinema, desenvolveu um trabalho de forte pendor ensaístico, inspirado por iluminados comentários de sua autoria, que contribuiu decisivamente para a renovação do documentário e tem influenciado sucessivas gerações. Viajante incessante, tal vertente materializou-se num cinema que atravessou mundo, que Marker concebeu individualmente, ou no contexto dos vários coletivos que integrou, mas também na autoria de uma coleção de guias de viagem, a que deu o nome de “Petite Planète”.

Entre os primeiros filmes que realizou, encontramos LES STATUES MEURENT AUSSI (1953), o resultado de uma frutuosa colaboração com Alain Resnais que, envolvendo uma crítica explícita ao colonialismo, foi censurado durante onze anos. Este sucedeu cronologicamente a OLYMPIA 52, a obra de estreia de Marker, que posteriormente a menosprezou e votou a um certo esquecimento. Voltaria a trabalhar novamente com Resnais em 1956, ao coassinar a narração de TOUTE LA MÉMOIRE DU MONDE, documentário sobre a Biblioteca Nacional Francesa, que também exibimos neste programa. DIMANCHE À PÊKIN (1956) e LETTRE DE SIBÉRIE (1957) são as primeiras grandes obras que realizou a solo. Marker publicou o “comentário” destes e de outros filmes num par de livros cujo título é precisamente *Commentaires*, o que traduz como o seu cinema assenta de modo único na articulação das palavras e das imagens, sejam estas filmadas por si ou recicladas a partir de arquivos de origem diversa, que confluem em ensaios filmicos atravessados por uma forte subjetividade.

LA JETÉE (1962), composto quase exclusivamente por imagens fotográficas, e uma das suas raras ficções, marcará definitivamente uma obra em que se manifesta a importância do tempo e da memória, na sua articulação com a História. Pouco depois, Marker realizou LE JOLI MAI (1963), crónica parisiense e um marco do cinema direto, sucedendo-lhe LE MYSTÈRE KOUMIKO (1965), filmado já no Japão, um país que terá um papel determinante na sua vida e obra, e SI J’AVAIS QUATRE DROMADAIRES (1966), que nos conduz numa volta ao mundo através de um conjunto de fotografias.

É com À BIENTÔT, J’ESPÈRE (1968) e LA SIXIÈME FACE DU PENTAGONE (1967) que se inaugura a vertente mais militante da obra do cineasta, que culmina em LE FOND DE L’AIR EST ROUGE (1977), um fresco sobre os movimentos revolucionários da década que o precedem, que exibiremos já em dezembro. Neste período, Marker esteve na origem de vários coletivos como a SLON ou os Grupos Medvedkine, movimentos operários que documentarão a sua própria luta em filmes como CLASSE DE LUTTE (1969). Juntando-se a Joris Ivens, William Klein, Claude Lelouch ou Jean-Luc Godard, participou ainda em LOIN DU VIETNAM (1967), e foi o autor de vários CINÉTRACTS (1968), curtíssimos filmes anónimos sobre os protestos estudantis de Maio de 1968, em França. São ainda desses anos LA BATAILLE DES DIX MILLIONS (1970), que assinalou um regresso a Cuba, ou vários episódios da série “On Vous Parle” (1969-1973). Prolongando a vertente mais explicitamente política da sua obra, a última sessão desta primeira parte do programa aponta para a profunda relação do cineasta com alguns dos seus grandes cúmplices, como Simone Signoret e Yves Montand, a quem dedica LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND (1974).

SANS SOLEIL (1982), que voltamos a mostrar em dezembro, representa simultaneamente o culminar de uma primeira fase da obra de Marker, mas também o início de uma outra, marcada por um maior impressionismo, que coincide com a realização de muitas obras em vídeo, algumas de curtíssima duração, e com incursões por novos meios. É deste período o CD-Rom a que deu o título de *Immemory* (1998), que nos permite viajar pelo universo criativo de Marker e pelas suas muitas obsessões. Nele, o protagonismo cabe a Guillaume, o gato que tantas vezes o substituiu, preenchendo o espaço criado pela sua voluntária invisibilidade. É assim entre mais de meia centena de curtas e longas-metragens, incluindo títulos realizados para televisão, que se desenha este ambicioso programa, que se prolonga em dezembro.

- ▶ Sábado [02] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES STATUES MEURENT AUSSI

de Chris Marker, Alain Resnais
França, 1953 – 29 min

LA JETÉE

de Chris Marker
com Jacques Ledoux, Hélène Chatelain, Davos Hanich
França, 1962 – 28 min

LE MYSTÈRE KOUMIKO

de Chris Marker
França, 1965 – 45 min

duração total da projeção: 102 min | legendados eletronicamente em português | M/12

Assinado conjuntamente por Chris Marker e Alain Resnais, LES STATUES MEURENT AUSSI corresponde ao verdadeiro início da obra de Marker enquanto cineasta. Ensaio cinematográfico sobre a arte africana arrancada do seu contexto e entregue aos museus, aborda de modo crítico as relações entre colonizados e colonizadores. Realizado dez anos depois, LA JETÉE, o título mais conhecido da obra cinematográfica de Marker, é um dos mais originais e complexos fotofilmes da História do cinema e um marco no domínio da ficção científica. Protagonizado por um homem que, na sequência da devastação de uma 3ª Guerra Mundial, é submetido aos efeitos de uma viagem no tempo, em busca de uma solução para o destino da humanidade, nas suas duas centenas de imagens fotográficas LA JETÉE apresenta-nos uma extraordinária reflexão sobre as questões do tempo e da memória. A fechar a sessão, LE MYSTÈRE KOUMIKO, retrato de uma jovem japonesa, aponta para a relação profunda de Chris Marker com a cultura nipónica e com o Japão, que atravessará muitos dos seus filmes posteriores. Este último é uma primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópias digitais.

► **Sábado [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
[Repete em Dezembro]

SANS SOLEIL

de Chris Marker

com Florence Delay, Arielle Dombasle, Riyoko Ikeda, Charlotte Kerr, Kim Novak, James Stewart

França, 1982 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado nas cartas de Sandor Krasna e construído como uma travessia do olhar pelo mundo, em que a realidade é evocada através da palavra, em SANS SOLEIL uma mulher narra os pensamentos de um viajante. O Japão, Cabo Verde e a Guiné-Bissau são os principais lugares visitados por tal personagem, que atravessa o tempo. SANS SOLEIL é, juntamente com LA JETÉE, um dos filmes mais influentes e radicais de Chris Marker, e uma obra em que, à semelhança de outros trabalhos do cineasta, as imagens por ele filmadas e as imagens apropriadas, confluem até à indistinção, adquirindo todo um potencial para reativar a memória e a imaginação. A apresentar em cópia digital.

► **Segunda-feira [04] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Terça-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

DIMANCHE À PEKIN

França, 1956 – 22 min

LETRE DE SIBÉRIE

França, 1957 – 67 min

de Chris Marker

duração total da projeção: 89 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Ao longo de toda a sua vida, Chris Marker foi um infatigável viajante. Em DIMANCHE À PEKIN reflete sobre a relação entre a tradição e a modernidade a partir da cidade de Pequim e das suas memórias, escolhendo um dia de inatividade, o domingo, para revelar o dinamismo da nova China. Em LETRE DE SIBÉRIE Marker parte para “um país longínquo” nos confins da União Soviética e filma um documentário atravessado por uma grande subjetividade. Segundo as palavras de André Bazin, trata-se de “um ensaio humano e geopolítico sobre a realidade siberiana, vividamente iluminado pela fotografia (...) Conjuga inteligência, poesia e uma imaginação fabulosa.” A apresentar em cópias digitais.

► **Terça-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina**

OLYMPIA 52

de Chris Marker

França, 1952 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A primeira longa-metragem de Chris Marker, mais tarde desconsiderada pelo seu autor, que a conotou com uma experiência de juventude. Realizada em resposta a uma encomenda da Secretaria de Estado da Juventude e dos Desportos e produzida pela organização não governamental Peuple et Culture, OLYMPIA 52 documenta os Jogos Olímpicos de Helsínquia, realizados quatro anos após a criação do Bloco de Leste. Marker, que também assinou parte da imagem do filme, centra-se no estádio, nos eventos desportivos, mas também nos atletas, aos quais dá grande destaque. Não obstante as várias “fragilidades” do filme, reconhecemos nele o espírito e o humor que se revelarão na obra futura do cineasta. Uma primeira exibição na Cinemateca a apresentar em cópia digital.

► **Sexta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Terça-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

...À VALPARAÍSO

de Joris Ivens

comentário de Chris Marker

Países Baixos, Chile, 1963 – 34 min

DESCRIPTION D'UN COMBAT

de Chris Marker

França, 1960 – 60 min

duração total da projeção: 94 min
legendados eletronicamente em português | M/12

...À VALPARAÍSO, documentário que Joris Ivens realizou na cidade portuária chilena, em que a vida é uma luta constante contra a geografia, contou com a colaboração de Chris Marker, que escreveu o seu texto dito em voz off. Comentário poético extremamente revelador da importância desta vertente da obra de Chris Marker, cujo talento literário marcou definitivamente as muitas obras

em que participou. Em 1960 Chris Marker partiu para Israel e realizou DESCRIPTION D'UN COMBAT, interpretando com o seu habitual sentido crítico os sinais do passado e do presente, mais visíveis ou invisíveis na realidade com que se confrontou. Um filme que tem a sua primeira exibição na Cinemateca e que, no atual contexto, assume outras reverberações. A apresentar em cópias digitais.

► **Sábado [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Quarta-feira [13] 18h00 | Sala Luís de Pina**

LE JOLI MAI

de Chris Marker, Pierre Lhomme

comentário dito por Yves Montand

França, 1963 – 136 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das obras-primas de Chris Marker, que coassina a realização com Pierre Lhomme. Sucedendo cronologicamente a LA JETÉE, LE JOLI MAI aborda “um maio que é ao mesmo tempo o presente, a primavera e Paris”. Dividido em duas partes, a primeira dedicada a pessoas banais, que criam o ambiente humano da primavera parisiense, a segunda composta por entrevistas com indivíduos que militam em diversas frentes (um padre operário, um advogado de extrema-direita), trata-se de um dos filmes mais importantes e característicos das mudanças ocorridas no cinema em começos dos anos 1960: não no domínio da ficção, mas no do cinema direto, que, durante algum tempo, foi chamado *cinéma-vérité*. A apresentar em cópia digital.

► **Segunda-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Sábado [23] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

TOUTE LA MÉMOIRE DU MONDE

de Alain Resnais

comentário de Chris Marker e Remo Forlani

França, 1956 – 22 min

SI J'AVAIS QUATRE DROMADAIRES

de Chris Marker

França, RFA, 1966 – 50 min

duração total da projeção: 72 min
legendados eletronicamente em português | M/12

TOUTE LA MÉMOIRE DU MONDE, inspirado documentário sobre a Biblioteca Nacional Francesa realizado por Alain Resnais, aborda ainda as questões mais vastas da memória e dos imaginários perdidos. Trabalhando como assistente do filme, Marker partilhou ainda a autoria do poético comentário que o acompanha com Remo Forlani. Em SI J'AVAIS QUATRE DROMADAIRES, um fotógrafo amador e dois dos seus amigos comentam uma escolha de fotografias registadas um pouco por todo o mundo no final dos anos cinquenta e início dos sessenta, da China a Cuba, passando pelo Japão ou pela Grécia. Um fotofilme escrito e fotografado por Chris Marker, e um álbum com mais de 800 imagens que envolve uma interessante reflexão sobre a fotografia. “Há a vida e há o seu duplo, e a fotografia pertence ao mundo dos duplos”. A apresentar em cópias digitais.

► **Quarta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

LA SIXIÈME FACE DU PENTAGONE

de Chris Marker e François Reichenbach

França, 1967 – 28 min

LA BATAILLE DES DIX MILLIONS

de Chris Marker

França, Bélgica, 1970 – 58 min

duração total da projeção: 86 min
legendados eletronicamente em português | M/12

LA SIXIÈME FACE DU PENTAGONE documenta a grande marcha realizada a 21 de outubro de 1967, em Washington, contra a Guerra do Vietname. Tal manifestação, que reuniu mais de cem mil pessoas, constituiu a primeira grande ação que deu sequência aos protestos dos estudantes norte-americanos nos *campus* universitários. Vários excertos do filme serão depois reutilizados por Marker em LE FOND DE L'AIR EST ROUGE. LA BATAILLE DES DIX MILLIONS é um segundo encontro entre o realizador francês e a revolução cubana, olhando, desta vez, para o pedido de Fidel Castro à população para duplicar a produção de açúcar como forma de impulsionar a economia do país. LA SIXIÈME FACE DU PENTAGONE é uma primeira exibição na Cinemateca e é apresentado em cópia digital.

► **Quinta-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
► **Terça-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina**

À BIENTÔT, J'ESPÈRE

de Chris Marker, Mario Marret

França, 1968 – 43 min / dobrado em português

LA CHARNIÈRE

de Antoine Bonfanti

França, 1969 – 12 min / legendado eletronicamente em português

CLASSE DE LUTTE

de Grupo Medvedkine de Besançon

França, 1969 – 40 min / legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 95 min | M/12

Os três filmes desta sessão centram-se na greve na fábrica Rodhiaceta, de Besançon, a qual teve lugar em março de 1967. Em À BIENTÔT, J'ESPÈRE, filme assinado conjuntamente por Chris Marker e Mario Marret e produzido pela SLON, estrutura coletiva impulsionada por Marker, os dois cineastas colocam a câmara ao serviço dos trabalhadores e das suas reivindicações. LA CHARNIÈRE, que mostramos pela primeira vez na Cinemateca, não é um filme, mas um registo sonoro gravado por Antoine Bonfanti após uma projeção de À BIENTÔT, J'ESPÈRE aos operários da fábrica de Besançon, que o acharam demasiado “romântico”. Na sequência de tal episódio, Marker propôs ensiná-los a usar as câmaras para filmarem a sua própria luta. Esta é a origem dos Grupos Medvedkine e de CLASSE DE LUTTE. Uma sessão que revela a profunda militância da obra do cineasta, que está na origem de vários coletivos. LA CHARNIÈRE e CLASSE DE LUTTE são apresentados em cópias digitais.

► **Sábado [16] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

LOIN DU VIETNAM

Longe do Vietname

de Joris Ivens, William Klein, Claude Lelouch, Jean-Luc Godard, Alain Resnais, Chris Marker

com Anne Bellec, Karen Blanguernon, Bernard Fresson

França, 1967 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A Guerra do Vietname torna-se o principal ponto de conflito e de protesto no mundo inteiro, um símbolo para o rumo trágico da Guerra Fria e do lado bélico da política de contenção (destinada a parar, desde o lado ocidental, a propagação do comunismo). Joris Ivens, William Klein, Claude Lelouch, Jean-Luc Godard, Chris Marker e Alain Resnais unem-se num dos filmes coletivos e políticos mais poderosos da época, trazendo, para o cinema, não apenas o protesto das ruas, mas uma reflexão política e estética sobre uma guerra que divide o mundo em dois. A apresentar em cópia digital.

► **Quarta-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

CINÉTRACTS

França, 1968 – 114 min
sem som, cartões legendados eletronicamente em português | M/12

Mostramos nesta sessão vários CINÉTRACTS ou CINÉ-TRACTS, filmes militantes muito curtos, contemporâneos dos movimentos estudantis em França, assentes quase exclusivamente em fotografias dos protestos nas ruas, e da atualidade no mundo, e no texto escrito que os acompanha. Invariavelmente não assinados, entre os seus autores estão Chris Marker, Jean-Luc Godard, Jackie Raynal, Jean-Pierre Gorin, Jacques Loiseleux ou Philippe Garrel. Uma iniciativa de Marker, lançada pelos “États Généraux du Cinéma”, constituídos em maio de 68 e inspirados pelos exemplos soviéticos, pela Frontier Films, de Paul Strand e Leo Hurwitz, ou por Santiago Álvarez. A apresentar em cópias digitais.

► **Quinta-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

ON VOUS PARLE DU BRÉSIL : TORTURES

França, 1969 – 24 min

ON VOUS PARLE DE PARIS : MASPERO, LES MOTS ONT UN SENS

França, 1970 – 20 min

ON VOUS PARLE DU BRÉSIL : CARLOS MARIGHELA

França, 1970 – 40 min

ON VOUS PARLE DU CHILI : CE QUI DISAIT ALLENDE

França, 1973 – 16 min

de Chris Marker

duração total da projeção: 100 min
legendados eletronicamente em português | M/12

“On Vous Parle” é um magazine de contrainformação em que se aborda a atualidade política do mundo sob o ponto de vista dos movimentos de contestação. Nesta sessão mostramos quatro filmes da série assinados por Chris Marker. Em ON VOUS PARLE DU BRÉSIL: TORTURES, o cineasta entrevista um grupo de militantes revolucionários que sobreviveram à opressão da ditadura militar brasileira e partilham as suas experiências sobre as prisões e os métodos de tortura por que passaram. ON VOUS PARLE DE PARIS: MASPERO, LES MOTS ONT UN SENS centra-se na editora francesa, na qual François Maspero e os seus colaboradores contextualizam os livros que publicam e o modo como pensam a arte da edição. Carlos Marighela, assassinado numa emboscada em novembro de 1969, ocupa o centro do segundo “filme brasileiro” da série. Um ano depois da sua morte, Marker presta-lhe a devida homenagem. Em ON VOUS PARLE DU CHILI, Régis Debray entrevista Salvador Allende, então eleito presidente do Chile, que aborda o futuro do seu país. Primeiras exposições na Cinemateca, com exceção de ON VOUS PARLE DU BRÉSIL: TORTURES. A apresentar em cópias digitais.

► Sexta-feira [22] 19h15 | Sala M. Félix Ribeiro

JOUR DE TOURNAGE

com Yves Montand

França, 1968 – 11 min

ON VOUS PARLE DE PRAGUE : LE DEUXIÈME PROCÈS D'ARTHUR LONDON

com Yves Montand, Simone Signoret, Arthur London

França, Bélgica, 1969 – 28 min

LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND

com Yves Montand, Bob Castella

França, 1974 – 60 min

de Chris Marker

duração total da projeção: 99 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Contratado como fotógrafo de cena da longa-metragem L'AVEU, de Costa-Gavras, Marker realiza JOUR DE TOURNAGE, em que se centra sobre a filmagem de um complexo plano com recurso a uma grua. ON VOUS PARLE DE PRAGUE parte de uma conversa que teve lugar durante a rodagem do mesmo filme, envolvendo Yves Montand, Arthur London

e Simone Signoret. O seu tema: o que é um verdadeiro comunista? Em LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND vemos Yves Montand na preparação de um *tour de chant* em Paris, como um “protesto solitário” contra o golpe de Estado ocorrido no Chile alguns meses antes. A solidão evocada no título (que também joga com o de THE LONELINESS OF THE LONG DISTANCE RUNNER, clássico do *free cinema* britânico) é a de um homem que está, por assim dizer, sozinho com ele mesmo, enquanto prepara um espetáculo (a única outra pessoa com quem o vemos interagir é o pianista). Chris Marker mistura com estas sequências trechos de outros concertos de Montand e o resultado é um retrato multifacetado de Montand-cantor. JOUR DE TOURNAGE é uma primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópias digitais.



LE JOLI MAI



LE MYSTÈRE KOUMIKO



SI J'AVAIS QUATRE DROMADAIRES



DESCRIPTION D'UN COMBAT



LES STATUES MEURENT AUSSI



LA BATAILLE DES DIX MILLIONS



LETTRE DE SIBÉRIE

IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA

Em colaboração com Mostra Espanha 2024

Prosseguindo uma colaboração iniciada em 2011 com a Mostra Espanha, a Cinemateca associa-se ao programa "Portugal-Espanha: 50 Anos de Democracia", levada a cabo pelo Ministério da Cultura espanhol em colaboração com a Embaixada de Espanha em Lisboa. Convidado a coprogramar este Ciclo, o investigador espanhol Alberto Berzosa (que em abril deste ano tinha organizado na Filmoteca Española o Ciclo "A Constelação dos Cravos: Imaginários Revolucionários em Portugal") assina o texto abaixo e as notas sobre as cinco sessões que o compõem.

anos sessenta, ou encontrando a chave para contornar ou passar pelos critérios da censura sem ser percebido, como fizeram Víctor Erice ou Carlos Saura, entre outros. Nem foi um cenário que mudou da noite para o dia. A censura cinematográfica só foi abolida em 1977 e, mesmo assim, não cessou por completo, como cedo aprenderam Pilar Miró e Fernando Ruíz Vergara, autores respetivamente dos banidos *EL CRIME DE CUENCA* (1980) e *ROCÍO* (1982).

Tal como as restantes liberdades alcançadas durante a transição para a democracia, as relacionadas com o cinema foram reforçadas nas décadas seguintes através do seu exercício e cuidado sistemático. Este Ciclo propõe uma abordagem ao cinema espanhol produzido em democracia em torno de conceitos, imaginários culturais, valores sociais e traumas históricos que tiveram uma presença especial na esfera pública espanhola contemporânea, organizado em cinco linhas temáticas: *Modernidade à Espanhola*, *Reconversão Industrial*, *Memórias de Violência*, *Género e Sexualidade* e *Passado Colonial*. Cada linha é representada por um filme.

A primeira linha, *Modernidade à Espanhola*, chama a atenção para a forma como o cinema tem contribuído para a fabricação dos imaginários positivos que relacionam o desenvolvimento turístico com as paisagens da modernidade. O *boom* económico, a abertura, o contacto com estrangeiros e o relaxamento dos costumes e da moral nacional-católica concentraram-se em locais da Costa del Sol, como Torremolinos. Mas, com a passagem dos anos 60 e 70, estas promessas de modernidade tornaram-se obsoletas, como se pode observar em *EL PUENTE* (1977), onde Juan Antonio Bardem oferece uma imagem taciturna e monótona dos mitos modernizadores, como pano de fundo para o percurso de aprendizagem.

Após a morte do ditador, em 1975, abriu-se um novo horizonte cinematográfico em Espanha, embora não completamente desconhecido. Em pleno regime franquista alguns realizadores já tinham dado pistas sobre como fazer filmes sem respeitar as regras da censura, seja colocando-se à margem da indústria, como o português José María Nunes em Barcelona no final dos

Com o objetivo de se adaptar às exigências de um mundo que começava a globalizar-se, com o fim da Transição e a entrada na Comunidade Económica Europeia (1986), Espanha empreendeu uma forte reestruturação do seu sistema produtivo. Isto serviu para aprofundar a modernização industrial do país, mas ao mesmo tempo foi um rude golpe para o movimento operário, que tinha sido um dos agentes mais ativos e mobilizados contra o franquismo e durante a Transição. A linha *Reconversão Industrial* é sobre tudo isto, representada pelo documentário *EL AÑO DEL DESCUBRIMIENTO* (2020), de Luis López Carrasco, que analisa o caso particular do desmantelamento do tecido industrial em Cartagena (Múrcia) em 1992.

Talvez um dos imaginários audiovisuais com maior presença no debate público desde o fim da censura em Espanha seja o da linha das *Memórias de Violência*, centrado fundamentalmente na memória das vítimas da Guerra Civil (1936-1939) e, em menor grau, daqueles retaliados na subsequente repressão franquista. O filme selecionado é *EL SILENCIO DE OTROS* (2018), de Almudena Carrecedo e Robert Bahar, que testemunha a luta, ao mesmo tempo precária e irreprimível, dos familiares dos republicanos que permanecem enterrados em valas comuns por toda a Espanha e nas pessoas condenadas pelo regime pela sua militância anti-Franco. A mobilização cidadã pela igualdade real entre mulheres e homens, e pela liberdade sexual e de género que se iniciou na década de 1970 e se consolidou na década de 2000 paralelamente ao desenvolvimento de políticas e de Estado. *80 EGUNEAN* (2010), de José Mari Goenaga e Jon Garaño, é uma peça pioneira que, com subtilidade e contenção, mostra os canais e as estradas bloqueadas por onde flui o desejo lésbico nas idosas.

Por fim, a linha que trata o passado colonial espanhol no continente africano aborda um tema que foi popular no governo de Franco, sobretudo em documentários e filmes de soldados e clérigos, mas que tinha perdido relevância nos primeiros anos da etapa democrática. Pelo menos até que vozes críticas como Cecilia Bartolomé devolveram a memória colonial ao debate público com *LEJOS DE AFRICA* (1996), uma ficção que encarna as memórias da adolescência da própria realizadora na Guiné Equatorial. Nos últimos anos, o interesse em rever o passado colonial espanhol em África cresceu consideravelmente, tanto no número de filmes sobre o tema como nos esforços de instituições como a Filmoteca Española para recuperar aquela trama específica do património audiovisual.

A rede de imaginários que resulta do cruzamento, sobreposição e comunicação entre estas cinco linhas temáticas, oferece um retrato aproximado da produção cinematográfica realizada em Espanha nos últimos cinquenta anos, bem como das mudanças na sociedade e dos principais desafios que os seus cidadãos têm enfrentado desde a recuperação da democracia.

Alberto Berzosa



EL SILENCIO DE OTROS

- Quinta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL PUENTE

de Juan Antonio Bardem
com Alfredo Landa, Mara Vila, Miguel Ángel Aristu

Espanha, 1977 – 104 min
legendado eletronicamente em português | M/12

EL PUENTE é um *roadmovie* protagonizado por Juan, um mecânico madrileno que, movido pela promessa de uns dias de sol, festa, praia e mulheres estrangeiras, ao final do dia decide ir na sua mota até à Costa del Sol sem se

preocupar com a longa viagem. "Faz isso pela tite", diz a si mesmo. Ao longo do percurso, uma série de encontros levam-no a conhecer pessoas e a viver situações típicas de uma sociedade espanhola em plena mudança, contraditória e plural, alheias aos mitos franquistas sobre a modernização e o turismo. O problema do desemprego, a situação do campesinato, os excessos da burguesia, a emigração ou a contracultura fazem parte do percurso de aprendizagem do protagonista no seu caminho para a praia da democracia.

- Sexta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

80 EGUNEAN

de José Mari Goenaga, Jon Garaño
com Itziar Aizpuru, Mariasun Pagoaga,
José Ramón Argoitia

Espanha, 2010 – 104 min
legendado eletronicamente em português | M/12

80 EGUNEAN ocupa um lugar único entre a filmografia que acompanha os processos sociais e políticos em prol da libertação sexual e de género, porque se centra num lugar invulgar: o amor entre as pessoas mais velhas. O desejo

das duas protagonistas, mulheres com mais de 70 anos, atravessa o filme, entre a discrição e a brincadeira, ora escondido em quintas rurais, em fotografias sépia ou nos arrependimentos de quem não ousou sair do armário, e outros em voz alta, sob a forma de risos, brindes em copos e beijos em ilhas que parecem distantes.

- ▶ Sexta-feira [15] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL AÑO DEL DESCUBRIMIENTO

de Luis López Carrasco

Espanha, Suíça, 2020 – 200 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Em EL AÑO DEL DESCUBRIMIENTO, Luis López Carrasco diseca as contradições presentes em Espanha em 1992 e identifica os seus efeitos nas gerações futuras. Nesse ano, completou-se a imagem comemorativa da Espanha moderna e democrática, que acolheu a Exposição Universal de Sevilha, os Jogos Olímpicos de Barcelona e organizou o V Centenário do Descobrimento da América. Uma outra imagem da mesma imagem mostra os resultados do processo de reconversão industrial iniciado na década de 80: encerramento de empresas, desmantelamento da

mobilização laboral e transformação para sempre das condições de trabalho. No documentário, os protagonistas e as testemunhas da agitação social que este processo provocou em Cartagena (Múrcia) recordam e discutem os acontecimentos, as imagens e a sua memória.

- ▶ Segunda-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quarta-feira [20] 15h30 | Sala Luís de Pina

LEJOS DE ÁFRICA

de Cecilia Bartolomé

com Alicia Bogo, Xabier Elorriaga, Isabel Mestres

Espanha, Cuba, 1996 – 115 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Em LEJOS DE ÁFRICA, Cecilia Bartolomé colocou imagens e sons na memória do colonialismo espanhol na Guiné Equatorial. Desde a independência das últimas colónias, as relações entre Espanha e África no cinema não desapareceram por completo, mas foram relegadas para meras referências contextuais não problemáticas. Bartolomé quebrou esta dinâmica neste filme, recorrendo à matéria-prima das suas memórias de infância e adolescência, para narrar a intra-história da vida colonial através da relação de duas meninas, uma negra e outra

branca, com nostalgia, mas sem condescendência, e com plena consciência dos desastres que sustentam qualquer regime colonial.

- ▶ Quinta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL SILENCIO DE OTROS

de Robert Bahar, Almudena Carracedo

Espanha, Canadá, Estados Unidos, 2018 – 96 min

legendado em português | M/12

O SILÊNCIO DOS OUTROS é um documentário sobre a memória histórica em Espanha, que mostra a resistência em se deixar levar pela corrente do círculo vicioso do silêncio, por parte dos retaliados e familiares das vítimas da Guerra Civil e do Franquismo. Encorajados pelos ecos que ainda ressoam nas masmorras da Direção-Geral da Polícia, onde milhares de militantes antifranquistas foram torturados, e pelo barulho que emana das valas comuns onde repousam os restos mortais dos republicanos assassinados, vários grupos de base, como a Associação para a Recuperação da Memória Histórica ou La Comuna, entre outras, conseguiram lançar a “Queixa Argentina” e começaram a quebrar o círculo.

DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA

Na conclusão do Ciclo iniciado em abril com Moçambique e continuado em maio com a Guiné-Bissau, “Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado” será em novembro dedicado ao cinema de Angola. Convidada a coprogramar com a Cinemateca as três partes deste programa, a investigadora Maria do Carmo Piçarra assina o texto de apresentação do Ciclo que se segue bem como as notas sobre todas as sessões do programa.

Rompendo definitivamente com as representações colonialistas do cinema de propaganda do Estado Novo, MONANGAMBÉ, da francesa Sarah Maldoror, é o primeiro filme de ficção angolano. Adaptação de *O Fato Completo de Lucas Matesso*, de Luandino Vieira, centra-se na violência da prisão colonial e no desconhecimento, pelos portugueses, da cultura local. Alinhado com o internacionalismo cinematográfico de então, foi filmado próximo de Argel com atores não profissionais, e incluiu música improvisada pelo Art Ensemble de Chicago além de, no genérico final, uma montagem de fotografias de Augusta Conchiglia. Após a publicação em França, em 1971, de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, de novo de Luandino Vieira, Maldoror filmou a sua adaptação para cinema, SAMBIZANGA, longa-metragem rodada durante sete semanas em Brazzaville. Elisa Andrade repetiu a colaboração com Maldoror, interpretando Maria, e a realizadora deu então relevo ao papel das mulheres na luta pela libertação, gerando polémica.

Só pouco antes da independência, em 11 de novembro de 1975, foi possível iniciar, em Angola, a formação de técnicos de cinema. A cooperativa Promocine e a televisão, deixada pronta a funcionar pelos portugueses, acolhem então interessados em fazer televisão e cinema, aos quais se juntam a equipa Angola Ano-Zero, constituída no início de 1975. Na Televisão Popular de Angola (TPA) há formação em imagem, som e laboratório dada, entre outros, por três franceses da Unicité – ligados aos grupos Medvedkine e colaboradores de Jean-Luc Godard, Jean Rouch e Chris Marker –, o diretor de fotografia Bruno Muel, o engenheiro de som Antoine Bonfanti e o jornalista Marcel Trillat, em Angola a convite de Luandino Vieira, responsável pelas políticas para o cinema. Duarte de Carvalho torna-se quadro da TPA e filma a reportagem televisiva fixando as expectativas e tensões nos 15 dias que antecedem a independência, UMA FESTA PARA VIVER.

Em 1976/77 haverá nova formação dada pelo Instituto Cubano de Rádio e Televisão. O historiador angolano Mena Abrantes considera que “Do mesmo modo que o foram Carlos Sousa e Costa na Promocine, António Ole e Ruy Duarte na TPA, Francisco Henriques na equipa Ano Zero, Asdrúbal Rebelo (n. 1953) é o realizador mais destacado desse novo grupo” (2015: 17). Até 1985, serão eles a animar a criação de uma cinematografia angolana.

O cinema feito era sobretudo político, e numa incursão no documentário cultural quase isolada, quando domina o “cinema direto”, António Ole realiza CARNAVAL DA VITÓRIA e O RITMO DO NGOLA RITMOS, celebrando expressões de resistência cultural ao colonialismo. Asdrúbal Rebelo opta pela via do documentário social

interessando-se pelos problemas infantojuvenis em obras como NASCIDOS NA LUTA, VIVENDO NA VITÓRIA.

Após 1985 a produção entrou num impasse criativo e produtivo até 2000. A guerra e a falta de fundos justificam o desinvestimento estatal. Muitos realizadores abandonaram atividade ou emigraram. Em 1999, o Instituto Angolano de Cinema e o Laboratório Nacional de Cinema são extintos, mas o cinema angolano resistiu, fora de Angola sobretudo. Mariano Bartolomeu, após formação em Havana, assinou documentários e curtas-metragens como UM LUGAR LIMPO E ILUMINADO e QUEM FAZ CORRER QUIM?. Zezé Gamboa impôs-se como realizador em França e Portugal, na década de 90, e Pocas Pascoal, antiga operadora de câmara da TPA, forma-se em montagem em França, realizando várias curtas-metragens e documentários antes de assinar, em 2011, a primeira ficção, POR AQUI TUDO BEM, inspirada no exílio durante a adolescência.

Em 2002, o governo apoiou a produção com um milhão de dólares, beneficiando Orlando Fortunato, Maria João Ganga e Zezé Gamboa. Tal é determinante para Orlando Fortunato terminar COMBOIO DA CANHOCA, para Maria João Ganga – com formação em cinema em Paris e, após ser assistente de direção em ROSTOV-LUANDA (1998), de Abderrahmane Sissako – se estreie com NA CIDADE VAZIA, e para que Zezé Gamboa dirija O HERÓI.

O lançamento simultâneo, em 2004, de COMBOIO DA CANHOCA, NA CIDADE VAZIA e O HERÓI foi um marco na projeção do cinema angolano. COMBOIO DA CANHOCA retrata a brutalidade da polícia política portuguesa através da história de Njololo, cuja mulher é violada pelo Cabo Faria. Filme que assinala, no grande ecrã, o fim da guerra civil, NA CIDADE VAZIA dramatiza a história de órfãos de guerra que viajam para Luanda com uma freira. Aí chegados, N’dala escapa-se para conhecer a cidade cemitério de ilusões revolucionárias, onde tem encontros perigosos e fascinantes. Estreia na longa-metragem de ficção de um técnico pioneiro, Zezé Gamboa, O HERÓI alcançou notoriedade em festivais como Sundance, onde ganhou o Grande Prémio do Júri.

Em julho de 2005, no I Encontro Nacional de Cinema, Audiovisual e Multimédia, faz-se o diagnóstico da produção, distribuição, exibição e conservação de cinema, reconhecendo-se o colapso. Fazem-se promessas de investimento, mas o dinamismo não teve continuidade. Após 2006, o aumento de filmes é fruto da iniciativa privada. É neste contexto que Ondjaki e Kiluanje Liberdade, realizador de documentários reconhecido em Portugal, realizam OXALÁ CRESÇAM PITANGAS, documentando como, no pós-guerra civil, em Luanda, habitada por 600 mil pessoas antes da independência, (sobre)vivem agora quase quatro milhões.

Nos últimos anos, destaque-se a atividade da produtora Geração 80, que ganhou destaque com a realização de INDEPENDÊNCIA (2015), que preservou testemunhos dos protagonistas da libertação. Independente dos apoios estatais, produz obras com grande coerência estética, e, através de um realismo que muitos têm considerado “realismo mágico”, retrata a realidade urbana. Luanda é personagem principal, cenário povoado de figuras marcantes, em luta para, no quotidiano, superar os desafios constantes de uma cidade hiper-povoada. As obras de estreia na ficção de Fradique, AR CONDICIONADO, e de Ery Claver, NOSSA SENHORA DA LOJA DO CHINÊS, têm tido distribuição internacional e são a evidência que o futuro “sempre adiado” do cinema angolano, como diagnosticou Mena Abrantes, já é presente.

Maria do Carmo Piçarra

► Terça-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CARNAVAL DA VITÓRIA

de Antonio Ole
Angola, 1978 – 39 min

O RITMO DO NGOLA RITMOS

de Antonio Ole
Angola, 1978 – 59 min
duração total da projeção: 98 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Resistir e vencer o colonialismo. Celebrar a vitória, revalorizando manifestações culturais ancestrais, desvalorizadas pelo colonizador. É simples, o propósito de *CARNAVAL DA VITÓRIA*, realizado após a formação de Antonio Ole pelo coletivo francês Unicité e dos primeiros estudos no American Film Institute (depois, entre 1981 e 1985, estudou Cultura Afro-Americana e Cinema na UCLA). Se Ole veio a notabilizar-se como artista plástico e fotógrafo, após a independência, como realizador de televisão, assinou vários filmes sobre a vida, profissões e economia do país. Agostinho Neto, cujo poema *Havemos de Voltar* é dito a abrir a obra, era líder-poeta num país com esperança, celebrando um Carnaval – clandestino durante a guerra de libertação – que saía para a luz, também através do cinema, integrando-se num movimento nacional, que reclamava o futuro a partir dos modos de resistência anticolonial. O *RITMO DO NGOLA RITMOS* dá sequência ao interesse de Ole em filmar manifestações anticoloniais que persistiram. Filmar a história de um grupo que, desde 1947, afirmou as culturas indígenas, cantando música popular em *kimbundu*, depois misturando ritmos através da criação do *semba*, e cujos elementos foram presos pela ditadura portuguesa, foi, de novo, uma revalorização dos modos de resistência. “E o ritmo se fez luta e a luta se fez vitória, é preciso contar, é preciso cantar”.

► Quarta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MONANGAMBÉ

de Sarah Maldoror
com Carlos Pestana, Noureddine Dreis, Mohamed Zinet
Argélia, 1969 – 17 min

SAMBIZANGA

de Sarah Maldoror
com Elisa Andrade, Domingos de Oliveira, Jean M’Vondo
Angola, França, 1973 – 102 min
duração total da projeção: 119 min
legendado eletronicamente em português | M/12

MONANGAMBÉ, primeira adaptação por Sarah Maldoror (então já companheira de um dos fundadores do MPLA, Mário Pinto de Andrade), de uma obra do escritor angolano José Luandino Vieira – *O Fato Completo de Lucas Matesso* –, retrata o desconhecimento da cultura angolana pelo colonizador e a violência policial da ditadura, usando o jazz do Art Ensemble of Chicago como um “canto” angustiante e libertador. As fotografias do genérico final são de Augusta Conchiglia. Adaptação de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, também de Luandino, *SAMBIZANGA* é a primeira longa-metragem de Sarah Maldoror. Se o livro se centra na figura de Domingos Xavier, operário envolvido na resistência anticolonial, torturado até à morte em 1961 pela polícia política portuguesa, o filme valoriza o ponto de vista da mulher, Maria, que parte em busca do marido, viajando até Luanda. Como escreveu Annouchka de Andrade, “*SAMBIZANGA* tem uma estética sensual, transmitida através de cenas do quotidiano: o casal Maria e Domingos, as longas viagens de Maria a pé por caminhos poeirentos, e a relação de Maria com o filho que carrega nas costas (...)”.

► Quinta-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

UMA FESTA PARA VIVER

de Ruy Duarte de Carvalho
Angola, 1975 – 35 min

NELISITA

de Ruy Duarte de Carvalho
Angola, 1983 – 64 min
duração total da projeção: 99 min | M/12

Formado em regência agrícola, Ruy Duarte de Carvalho era dos poucos angolanos com formação em cinema. Quando foi contratado pela Televisão Popular de Angola, era tempo

do que chamou “cinema de urgência”, do registo do nascimento da nação. Nesse contexto realiza *UMA FESTA PARA VIVER*, registo das expectativas e tensões nos 15 dias que antecedem a independência, tanto de famílias residentes nos musseques de Luanda como de funcionários de antigas empresas portuguesas. Em 1979 inicia a série de filmes com os Mumuila, “Presente Angolano: Tempo Mumuila”, apoiando-se no conhecimento antropológico. Deste processo nascerá a primeira longa-metragem ficcional, *NELISITA*, retrato de um mundo dominado pela fome, com apenas duas famílias sobreviventes, onde, num armazém, espíritos guardam alimentos. A partir de um argumento escrito com base em peças da tradição oral nyaneka, Nelisita, o que se gera a si mesmo, é um salvador num filme visionário que, naquele início dos anos 80, antecipava as ameaças ao futuro angolano, ainda a desenhar-se. Filme de Estado é já uma obra de contestação ao mesmo.

► Sexta-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

NASCIDOS NA LUTA, VIVENDO NA VITÓRIA

de Asdrúbal Rebelo
Angola, 1979 – 18 min

UM LUGAR LIMPO E ILUMINADO

de Mariano Bartolomeu
com Mario Guerra, Alden Knight, Dolores Pedro
Cuba/Angola, 1991 – 17 min / legendado eletronicamente em português

QUEM FAZ CORRER QUIM?

de Mariano Bartolomeu
com Afonso Malheiro, Sandra Pitra, Maria J. Swart
Angola, 1992 – 21 min
duração total da projeção: 56 min | M/12

Curta-metragem militante de um dos pioneiros do cinema angolano pós-independência, Asdrúbal Rebelo, foi realizada um ano após a primeira disputa pelo poder no seio do MPLA. Mostra a formação militar de crianças preparadas para a “segunda guerra de libertação”, segundo um jovem entrevistado. Pertencente à segunda geração de cineastas angolanos, Mariano Bartolomeu estudou na Escola Internacional de Cinema e Televisão de Havana, antes de se radicar no exterior (Itália e Estados Unidos). O seu cinema articula o interesse pela realidade angolana com fortes influências estéticas ocidentais. Filmado na Escola de Havana, e inspirada no conto *The Killers* de Ernest Hemingway, *UM LUGAR LIMPO E ILUMINADO* é protagonizado por um ex-pugilista que, perseguido por assassinos devido a algo passado, busca refúgio numa cidade caribenha com a namorada. Metáfora da situação de Angola, *QUEM FAZ CORRER QUIM?* acompanha Quim, que regresso à amante, perturbado pelo nascimento do primeiro filho, deformado.

► Sexta-feira [15] 21h45 | Sala M. Félix Ribeiro

COMBOIO DA CANHOCA

de Orlando Fortunato
com Enoque Caracol, Cristina Cavalinhos,
Filipe Crawford
Angola, 2004 – 90 min | M/12

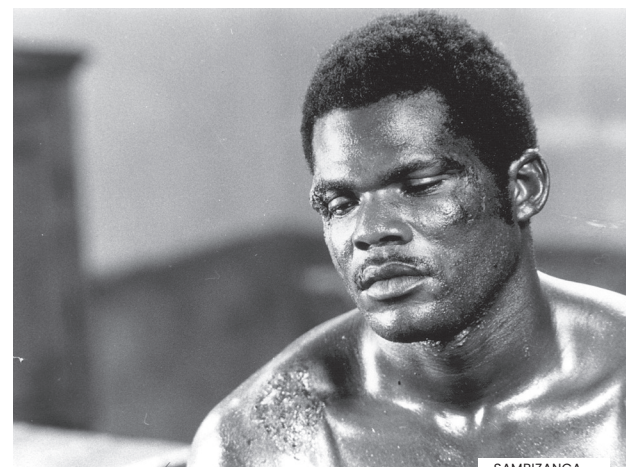
Orlando Fortunato, um dos pioneiros do cinema angolano, dedicou grande parte da sua obra a tratar o impacto do colonialismo no país. A sua formação inicial, que partilhou com Ole e Duarte de Carvalho, foi posteriormente aprofundada na London International Film School. Como os companheiros, e devido à falta de recursos (financeiros e de película) realizou vários documentários antes de se estrear na ficção com *COMBOIO DA CANHOCA*. Realizado em 1989, o filme estreou apenas em 2004, quando o Estado angolano quis dar novo fôlego à produção de cinema. Retrato da violência repressiva das autoridades coloniais, dramatiza um episódio real, protagonizado por um grupo de nacionalistas presos, e viajando num vagão de mercadorias, sem janelas, num comboio circulando entre Luanda e Malanje. Através deles, revisita-se o tempo em que emerge a consciência anticolonial. Primeira apresentação na Cinemateca.



CARNAVAL DA VITÓRIA



NOSSA SENHORA DA LOJA DO CHINÊS



SAMBIZANGA

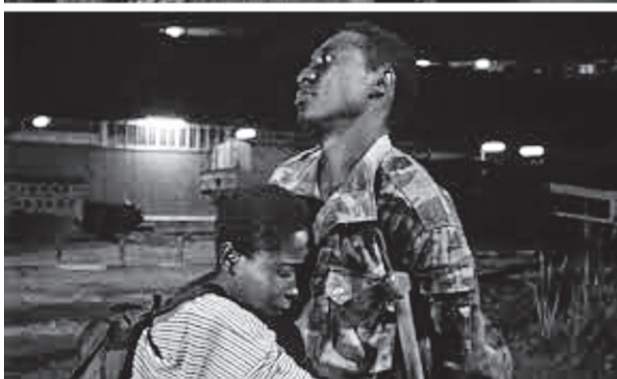


NELISITA





AR CONDICIONADO



O HERÓI

► Sábado [16] 16h00 | Sala Luís de Pina

MESA-REDONDA
“DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA”

Com a participação de vários dos realizadores com filmes incluídos neste Ciclo, a conversa percorrerá a História da cinematografia de Angola desde a independência até ao presente. Moderação por Maria do Carmo Piçarra.

Entrada livre mediante levantamento de bilhete 30 minutos antes da mesa-redonda

► Sábado [16] 18h30 | Sala Luís de Pina

O HERÓI

de Zezé Gamboa
com Makena Diop, Milton ‘Santo’ Coelho, Maria Ceíça
Angola, França, Portugal, 2004 – 97 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ZEZÉ GAMBOA (A CONFIRMAR)

A estreia de O HERÓI, simultânea com a de COMBOIO DA CANHOCA e de NA CIDADE VAZIA parecia prometer novo alento para o cinema angolano, finda a guerra civil. Vitório, que pisou uma mina, é desmobilizado para logo descobrir que, nas ruas da capital, a guerra se trava em cada esquina. Com o conflito bem vivo na memória e inscrito no corpo, sonha um amor impossível com Joana, uma professora que ainda acredita num futuro para o país, reencontrando-se com a sua humanidade com uma prostituta que o ajuda, Maria Bárbara, e com Manu, que busca o pai desaparecido e com o qual inventa uma família possível. Grande prémio do júri no Festival de Sundance de 2005, foi melhor primeira obra nas jornadas cinematográficas de Cartago, entre várias outras distinções em vários festivais. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sábado [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TIME TO CHANGE

de Pocas Pascoal
Portugal, Angola, 2024 – 6 min

ALDA E MARIA – POR AQUI TUDO BEM

de Pocas Pascoal
com Catarina Avelar, Ciomara Morais, Cheila Lima
Portugal, Angola, 2011 – 94 min
duração total da projeção: 100 min | M/12

COM A PRESENÇA DE POCAS PASCOAL

Depois de um exílio em Portugal, quando a guerra civil (1976-2002) em Angola se intensificou, Pocas Pascoal tornou-se a primeira operadora de câmara da televisão angolana, estudou cinema em França, iniciando-se na realização de filmes e participação em exposições de arte contemporânea. Esta sessão reúne a sua mais recente curta à longa-metragem autobiográfica ALDA E MARIA – POR AQUI TUDO BEM, sobre duas irmãs exiladas em Lisboa, que retrata a sua experiência de fuga à guerra e adaptação a uma cidade estrangeira integrando a sua história na de uma geração de refugiados angolanos. Partindo do arquivo e de imagens coloniais, TIME TO CHANGE – concebida originalmente como uma instalação, é uma reflexão sobre colonialismo, capitalismo, as ligações entre ambos e as alterações climáticas atuais. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Segunda-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PRISONER OF HOPE

de Fradique
Angola, 2017 – 5 min

OXALÁ CRESÇAM PITANGAS – HISTÓRIAS DE LUANDA

de Kiluanje Liberdade, Ondjaki
Angola, Portugal, 2006 – 62 min
duração total da projeção: 67 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERY CLAVER

Trinta anos após a independência e três anos após o fim da guerra civil, Kiluanje Liberdade – de volta à colaboração com Inês Gonçalves, responsável pela imagem – e Ondjaki realizam um documentário que afirma um novo olhar, de uma geração nascida após o fim formal do colonialismo. Mostram como se cruzam realidades e angolanos de

várias regiões de um país forjado na luta numa cidade construída para menos de um milhão de habitantes, e onde convivem então cerca de quatro milhões de pessoas. Dez depoimentos dão conta do ritmo luandino, da alegria e dificuldades da vida na capital onde, deseja-se, cresça a esperança, projetada no título, tomado a um verso do poeta António Gonçalves. PRISONER OF HOPE, videoclip realizado por Fradique e filmado por Ery Claver para um tema do artista multidisciplinar Nástio Mosquito com a DZZZZ Band, é protagonizado por António Sande e Armando Mavo, da Companhia de Dança Contemporânea de Angola (colaborações regulares entre todos eles), e mostra uma Luanda noturna ao ritmo da desesperança. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Terça-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

AR CONDICIONADO

de Fradique
com José Kiteculo, Filomena Manuel, David Caracol
Angola, 2020 – 72 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERY CLAVER

Quatro anos após a estreia com a longa-metragem documental INDEPENDÊNCIA, o filme de ficção AR CONDICIONADO confirmou Fradique (A.K.A Mário Bastos) como realizador. Quando os aparelhos de ar condicionado começam a cair misteriosamente dos prédios da capital angolana, para resolver o problema do seu patrão, um segurança, Matacedo, conhece o excêntrico dono de uma loja. A fotogenia distópica de Luanda é usada como cenário para um conto de realismo mágico, potenciado pelo jazz da banda sonora, assinado por Aline Frazão. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quarta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOSSA SENHORA DA LOJA DO CHINÊS

de Ery Claver
com Cláudio Púcuta, David Caracol, Willi Ribeiro
Angola, 2022 – 98 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ERY CLAVER

O diretor de fotografia Ery Claver estreia-se na longa-metragem ficcional com esta obra mosaico que retrata a sociedade angolana sem complacência ou miserabilismo. Aproximação à realidade urbana pela via do “realismo mágico”, neste filme cruza-se um casal em crise, um menino de rua em busca do cão desaparecido, um pastor evangélico e um chinês que é narrador e vende estatuetas de Nossas Senhoras de Fátima com problemas na pintura. Religião e velhas e novas expressões do colonialismo são fios ténues que ligam as personagens de mais uma produção “fora do Estado” e da Geração 80. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sábado [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A VISITA

de Virgínia Silva
Angola, 1975 – 5 min

NA CIDADE VAZIA

de Maria João Ganga
com João Roldan, Domingos Fernandes Fonseca, Júlia Botelho

Portugal, Angola, 2004 – 88 min
duração total da projeção: 93 min | M/12

Com apoios europeus e realizado quando o governo criou financiamento para revitalizar a produção de cinema, promovendo a segunda vaga do cinema angolano, NA CIDADE VAZIA integra-se num significativo conjunto de obras sobre o impacto da guerra na vida das crianças. Quando, procurando escapar da guerra civil, um grupo de crianças aterra em Luanda, N’dala foge. Na cidade esvaziada de ilusões revolucionárias, sucedem-se os encontros desafiadores. Joka acolhe N’dala e alicia-o com uma recompensa se este o ajudar num assalto. Em complemento, exhibe-se A VISITA, filme de animação de um conjunto, pioneiro e com propósitos de educação política, realizado por Virgínia Silva para a TPA imediatamente pós-independência. Primeiras apresentações na Cinemateca. Os filmes estão programados numa sessão Cinemateca Júnior – Sábados em Família (ver pág. 02).

ERIK HAMPE FAUSTMAN – DIVERGÊNCIA A CINZENTO

A descoberta de um importante e singular, embora presentemente desconhecido, cineasta sueco é uma proposta de novembro na Cinemateca, resultante de um desafio ao programador Stefan Ramstead: ator-realizador nascido em Estocolmo, Erik Hampe Faustman (1919-1961) é autor de uma relevante obra, realizada entre as décadas de 1940 e 60, que se tem mantido genericamente ignorada. Os filmes que escreveu, dirigiu e em alguns casos interpretou cumulativamente com outros conhecidos atores – cujo trabalho ficou associado, por exemplo, ao cinema de Ingmar Bergman – distinguem-se por uma perspetiva social e politicamente empenhada em que pontuam personagens do povo. A Cinemateca mostra um núcleo de seis dos seus filmes num programa inédito organizado em colaboração com o Svenska Institutet, e em diálogo com o programador Stefan Ramstead. Ramstead estará em Lisboa para apresentar o cinema de Erik Hampe Faustman na sessão de abertura do programa, no dia 18 de novembro, em que é projetado FRÄMMANDE HAMN (“Porto Estrangeiro”, 1948). Dada a peculiaridade do programa, são suas as notas o texto seguinte, cujo título a Cinemateca adotou como o do Ciclo. Provenientes do arquivo sueco, as cópias a apresentar são materiais 35 mm, exceto FRÄMMANDE HAMN que é projetado em digital. Salvo alguma rara exceção não documentada, todos os filmes são apresentados pela primeira vez em Portugal.



FRÄMMANDE HAMN

Erik Hampe Faustman nasceu Erik Stellan Chatham em 1919, filho dos artistas Mollie Faustman e Ghösta Chatham. Estudou representação na escola do Dramatiska Teatern, atuou pela primeira vez em palco no mesmo ano, e fez a sua primeira aparição no ecrã em 1940. Três anos mais tarde, assinou o seu primeiro filme, ou melhor, dois filmes, como realizador: NATT I HAMN (“Noite no Porto”) e SONJA. Com estes filmes iniciais, firmou os motivos e os temas recorrentes da sua obra, e também definiu o ritmo da sua produção. Na realização, foi ativo durante doze anos concluindo dezanove longas-metragens de ficção. A crítica notou de imediato o estilo do novo realizador. NATT I HAMN foi descrito como um “retrato a cinzento numa perspetiva portuária e marítima sobre a vida e a morte e a sua insignificância”, enquanto SONJA lhe mereceu elogios por saber “representar a vida comum de pessoas comuns” melhor do que os seus pares mais velhos.

Se Faustman é hoje lembrado é como um realista politicamente empenhado. Ao lado de Alf Sjöberg e Ingmar Bergman, viu-se incumbido da missão de rejuvenescer

o cinema sueco, desempenhando o papel do radical. Cumpriu esta promessa com filmes como FRÄMMANDE HAMN (“Porto Estrangeiro”, 1948), a história de um motim causado por razões políticas, a bordo de um navio destinado à Espanha fascista com uma remessa de armamento disfarçado de comida enlatada. Como cineasta de esquerda com um interesse profundo pela cultura russa e com o *pathos* social de um realista, Faustman podia ter-se tornado o proponente sueco de um cinema realista socialista.

O cineasta e escritor Ulf von Strauss foi o primeiro a escrever em retrospectiva sobre a obra de Faustman. Num artigo de 1975, descreve-o como “a única voz consciente, explícita e consistente da classe operária” no cinema sueco. Tendo assumidamente em mente os seus filmes da década de 1940, encara o que vê nestes termos: “o que resta do carácter de Hampe [nos filmes dos anos 1950] é a sua singular tendência para um tom vocal natural, uma característica sensibilidade para a linguagem coloquial e a vida quotidiana nas casas e nos lugares de trabalho suecos”. Sendo isto verdade: então e o resto? O que era novo, e supostamente atípico em Faustman, nos seus últimos filmes, geralmente olhados como os mais fracos?

O académico Per Vesterlund analisou os últimos trabalhos de Faustman e observa que diferem de facto dos trabalhos iniciais. Os ambientes sociais podem ser semelhantes, e os espaços distintivos e fechados são recorrentes tal como a sua insistência em representar esses ambientes e espaços em imagens pouco contrastadas. No entanto, um filme como KVINNOHUSET caracteriza-se por planos mais longos e mais movimentos de câmara. Vesterlund observou que a duração média dos planos dos filmes de Faustman realizados na década de 1940 se encontrava entre os seis e os dez segundos, ao passo que os filmes realizados na década de 1950 tinham planos de uma duração média de quinze segundos. Também a câmara se tornou mais móvel nos últimos filmes. Isto não é, evidentemente, uma característica única de Faustman, mas é interessante questionar se foi uma mera adaptação à estética contemporânea ou, pelo contrário, um método dirigido à representação da vida naquela época particular.

Para a Suécia, como para muitos outros países, o fim da guerra mundial assinalou o início de uma era de crescimento económico e estabilidade política. Os sociais-democratas governavam desde 1932 e continuariam a governar até 1976, o que estava a transformar o país rumo aos ideais do seu modelo de Estado de bem-estar social *Folkhemmet* [conhecido além-fronteiras como modelo sueco]. No entanto, com esse modelo abandonaram a noção da luta de classes e procuraram uma política de consentimento em detrimento da dissidência. Faustman confessou ser um social-democrata. Mas seria a social-democracia dos anos 1950 a sua social-democracia? KVINNOHUSET (1953) é de facto uma representação de como a segurança de um Estado social progressista não é remédio para a alienação. A complexidade formal dos seus últimos filmes pode bem ser vista como uma resposta a uma sociedade politicamente mais complexa. Esta fase final da filmografia revela que Faustman estava menos em linha com o realismo socialista do cinema de Leste do que com a tradição do que Thom Andersen e Noël Burch chamaram os *film gris*, obras de cineastas da Hollywood pós-Guerra que procuravam explicações para a miséria então contemporânea em fatores políticos, e não psicológicos. Faustman morreu em 1961. Aos quarenta e dois anos, depois de anos de alcoolismo, o coração acabou por ceder. O quanto esse fim dependeu da deceção política e das dificuldades em encontrar financiamento para os seus filmes pode ser motivo de especulação. No entanto, a sua morte precoce parece estar de algum modo de acordo com o radical dos inovadores do cinema sueco. Adotou a cor do cinzento. Foi um fim que nem ele nem os seus produtores conseguiram tornar feliz.

Stefan Ramstedt

- ▶ Segunda-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FRÄMMANDE HAMN

“Porto Estrangeiro”
de Hampe Faustman

com Adolf Jahr, George Fant, Stig Järrel, Illona Wieselmann, Carl Ström
Suécia, 1948 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 18 APRESENTADA POR STEFAN RAMSTEDT, EM INGLÊS

A ameaça da guerra paira sobre o S/S Castor, e a tripulação impacienta-se com o próximo embarque de mercadorias. Quando os tripulantes sabem que, com um carregamento de “comida enlatada”, o destino do navio é Espanha, respondem com uma insubordinação. FRÄMMANDE HAMN foi estreado na época do florescimento do anti-comunismo e foi criticado como propaganda por altura da sua primeira apresentação pública em Cannes. Hoje é visto como o melhor filme de Faustman e Peter von Bagh descreveu-o como “uma combinação poderosa: classe operária grosseira e ‘miserabilismo’, melodrama, romantismo revolucionário – tudo isto ao serviço do tema da luta de classes”. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [19] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FLICKAN OCH DJÄVULEN

“A Rapariga e o Diabo”
de Hampe Faustman

com Kolbjörn Knudsen, Ingrid Brogström, Elsa Widborg, Tord Stål
Suécia, 1944 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A quarta longa-metragem de Faustman afastou-se das representações realistas dos ambientes da classe operária contemporânea. Ambientada no interior da Suécia do século XVII, é um filme centrado numa jovem habitada pelas forças do mal. Não obstante o estilo mais expressivo e a história de terror, a paleta continua a ser tipicamente cinzenta. A escuridão do filme está noutro lado, porventura no destino da mulher possuída. Um conto metafórico ou um exercício de estilo? Seja como for, o escritor e crítico Barbro Alving descreveu-o como “o mais relevante filme sueco desde a era do cinema mudo”.

- Quarta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Quarta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NÄR ÄNGARNA BLOMMAR

“Quando os Prados Florescem”

de Hampe Faustman

com Sigurd Wallén, Dagny Lind, Birger Malmsten, Ludde Gentzel, Elsa Widborg, Doris Svedlund

Suécia, 1946 – 77 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O primeiro filme de Faustman à volta de um coletivo passa-se entre os chamados “statare”, trabalhadores agrícolas contratados que vivem em condições próximas da escravatura. O ator Sigurd Wallén regressa a este meio, que tinha habitado em muitos filmes dos anos 1930, mas frequentemente no papel do reformista, garantindo que o progresso acontece enquanto o sistema permanece. A aposta é maior em NÄR ÄNGARNA BLOMMAR, no qual os trabalhadores exigem o direito à greve. O filme de Faustman (“um *As Vinhas da Ira* sueco”, na expressão de um crítico) foi realizado apenas dois anos após esta forma de emprego ter sido interdita.

- Quinta-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Quinta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KVINNOHUSET

“Casa de Mulheres”

de Hampe Faustman

com Inga Tidblad, Eva Dahlbeck, Annalisa Ericson, Birgitta Valberg, Ulla Sjöblom

Suécia, 1953 – 88 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ulla Isaksson deu a Faustman um novo motivo coletivo com o seu romance *Kvinnohuset*, baseado numa casa coletiva para mulheres. Com um elenco de monta, que inclui Inga Tidblad, Eva Dahlbeck e Annalisa Ericson, Faustman retrata uma forma contemporânea de alienação, recorrendo a planos mais longos, como se a fragmentação e individualização da modernidade exigissem um mais complexo tratamento formal – ou, como lhe chamou o crítico Bengt Idestam-Almquist, “um regresso aos férteis deuses do formalismo”.

- Sexta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Sexta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CAFÉ LUNCHRASTEN

de Hampe Faustman

com Lars Ekborg, Doris Svedlund, Annalisa Ericson, Nils Hallberg, Stig Järrel

Suécia, 1954 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No início de 1952, a desconstrução dos bairros pobres e acidentados de Klara, no centro de Estocolmo, havia

começado. No centro de CAFÉ LUNCHRASTEN está um café da zona, um lugar de encontro entre jornalistas, estudantes, pequenos bandidos e prostitutas. Em retrospectiva, um lugar onde pessoas de diferentes estratos sociais se encontravam, um lugar que não existe nos projetos dos planos de desenvolvimento da cidade moderna. CAFÉ LUNCHRASTEN pode parecer uma anedota cheia de sentido de humor, mas o tempo revelou o seu carácter melancólico.

- Sábado [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

RESA I NATTEN

“Viagem na Noite”

de Hampe Faustman

com George Fant, Eva Dahlbeck, Ulla Sallert, Sven-Eric Gamble, Arne Källerud

Suécia, 1955 – 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Naquele que seria o seu penúltimo filme, Faustman volta a associar-se ao ator George Fant, com quem trabalhara já muitas vezes e que interpretara, por exemplo, o papel de Robin dos Bosques no filme socialista de capa e espada HARAL HANDFASTE (Faustman, 1946). Fant é muitíssimo menos heróico em RESA I NATTEN, no qual representa um camionista em luta contra o cansaço, questões de saúde e problemas conjugais. “Cinzento como um dia comum e insuportavelmente monótono”, escreveu um crítico perspicaz sobre o retrato do isolamento do trabalho na estrada – algo para o que o cinema sueco não estava provavelmente preparado.



Flickan och djävulen



När ängarna blommar

HISTÓRIAS DO CINEMA: ART THEATRE GUILD / MIGUEL PATRÍCIO

Explicitamente concebida e anunciada como um binómio, a rubrica “Histórias do Cinema” propõe, de um lado, um investigador ou especialista em cinema; de outro, um autor ou um tema histórico abordado pelo primeiro ao longo de cinco finais de tarde e em torno de cinco filmes, cujas projeções são antecedidas e sucedidas de apresentações e conversas sobre o autor ou o tema em causa, numa sequência de encontros pensados como experiência cumulativa. Para a edição de novembro das “Histórias do Cinema” convidámos o investigador e programador Miguel Patrício, provavelmente um dos maiores especialistas de cinema japonês da atualidade, para nos falar sobre a história da ART THEATRE GUILD (sobre a qual elaborou, em 2018, a sua tese de mestrado *Sístoles e Diástoles: Uma Perspetiva sobre a Art Theatre Guild*) em cinco sessões-conferência. É dele o texto que se segue bem como as notas sobre as sessões individuais.

Fundada a 15 de novembro de 1961, no Japão, a ART THEATRE GUILD (ATG) iniciou a sua atividade como distribuidora de filmes estrangeiros, especialmente europeus. O objetivo inicial da companhia, associada mas não limitada ao estúdio Toho e composta por um comité de críticos influentes e profissionais do cinema, era apresentar uma seleção de cinematografias, frequentemente designadas pelo título “arte e ensaio”, ao público japonês. Numa indústria dominada pelos seis grandes estúdios (Toho, Shochiku, Daiei, Nikkatsu, Toei e Shintoho), e onde a distribuição de produções nacionais superava em mais do dobro a das estrangeiras, a exibição desses filmes em salas seletas e a disseminação das suas estéticas cinematográficas inovadoras foram fundamentais para que o Japão tivesse acesso, pela primeira vez, ao cinema de autor que se fazia noutros locais do mundo.

Logo em 1962, a ATG distribuía já um pequeno grupo de filmes japoneses, como OTOSHIANA (1962), de Hiroshi Teshigahara, ou NINGEN (1962), de Kaneto Shindo, mas a produção propriamente dita só teve início anos depois. Embora NINGEN JOHATSU (1967), de Shohei Imamura, tenha recebido financiamento após terminada a rodagem, foi O ENFORCAMENTO (1968), de Nagisa Oshima, o primeiro filme a ser planeado desde o início como uma coprodução entre a Sozsha (a produtora

de Oshima) e a ART THEATRE GUILD. Este momento assinalou, aliás, o início de um regime de coprodução em que o orçamento era dividido entre as produtoras independentes dos cineastas e a ATG. Com cinco milhões de ienes de cada lado, essas produções, a partir daí chamadas de *issenmanen eiga* (“filmes de 10 milhões de ienes”, equivalente a cerca de 25.000 euros na época), proporcionaram uma liberdade criativa sem precedentes a uma geração que, desavinda dos estúdios ao longo dos anos 60, se afastava progressivamente das formas convencionais de fazer cinema. Por outro lado, o critério principal para um projeto ter luz verde era a sua relevância artística, algo que Kinshiro Kuzui, produtor emblemático e figura cimeira da ATG até 1978, sempre se esforçou por garantir ao longo dos seus dez anos de trabalho.

Este período é considerado um dos mais desafiadores e radicais, tanto a nível temático como formal, de todo o cinema japonês. A ATG tornou-se uma facilitadora das ambições estéticas da geração da *nuberu bagu* (nova vaga japonesa), representando também o último bastião do seu projeto cinematográfico – se quisermos, um último *banzai*, antes que este começasse a perder fôlego na segunda metade dos anos 70, mesmo tendo a ATG continuado a sua atividade como produtora ao longo da década de 80, sob outros pressupostos e com outra geração mais nova de cineastas assumindo as rédeas.

Com um total de 75 filmes japoneses produzidos entre 1967 e 1986 e 31 distribuídos entre 1962 e 1992 – ano da silenciosa cessação de funções da mítica produtora – seleccionei um conjunto de cinco filmes, com especial enfoque no período de 1968 a 1974, primeiro momento mais próspero e representativo de um estilo fortemente dialético, onde ao desenvolvimento das capacidades plásticas e centrípetas do estúdio se contrapõe a libertação centrífuga nas ruas, e vice-versa. Este capítulo da rubrica “Histórias do Cinema”, que também poderia ser cunhado de “ATG: das paredes do estúdio ao asfalto das ruas”, indaga a possibilidade de haver neste *corpus* uma verdadeira assinatura de produção que ultrapassa a visão de cada cineasta individual. Neste processo de exploração, pretendo redefinir a autoria como um processo sincrónico e coletivo, afetado decisivamente pelas forças e contingências da atualidade.

Miguel Patrício

► Segunda-feira [25] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KOSHIKEI

O Enforcamento

de Nagisa Oshima

com Yung-Do Yun, Kei Sato, Fumio Watanabe, Hosei Komatsu, Rokko Toura, Masao Adachi, Akiko Koyama

Japão, 1968 - 118 min / legendado em português | M/16

R, um condenado à morte por violar e matar duas jovens estudantes, vê a sua execução fracassar diante de uma equipa de funcionários prisionais e legalistas. Na tentativa de salvar a honra do sistema penal japonês, os executores tentam ressuscitar o executado, descobrindo que qualquer memória do crime se desvaneceu após o enforcamento. Farsa brechtiana, quase toda rodada num único espaço, sempre moldado por uma imaginação infrene, o primeiro filme produzido inteiramente pela ART THEATRE GUILD é uma dura crítica aos resquícios imperialistas que persistem nas profundezas do japonês comum. Recorrendo a uma premissa absurda, Nagisa Oshima aproveita a concentração espacial do *décor* e um protagonista infra-moral para julgar os julgadores, bem como expor a discriminação étnica dos *zanichi*, a minoria coreana que vive no território japonês. A exhibir em cópia digital.

► Terça-feira [26] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SHINJU: TEN NO AMIJIMA

"Duplo Suicídio em Amijima"

de Masahiro Shinoda

com Kichiemon Nakamura, Shima Iwashita, Shizue Kawarazaki, Hosei Komatsu, Jun Hamamura

Japão, 1969 - 103 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/16

Adaptação da peça homónima de Monzaemon Chikamatsu, o maior dramaturgo japonês do género *bunraku*, ou teatro de marionetas, "DUPLO SUICÍDIO EM AMIJIMA" narra o amor trágico e proibido entre o vendedor de papel Jihei e a cortesã Koharu, forçados a escolher o caminho da morte para resolver o complexo conflito entre dever social e desejo privado. Na esteira de O ENFORCAMENTO, esta outra produção da ART THEATRE GUILD explora as capacidades centrípetas do *décor* para desenvolver, de maneira

modernista, o tema clássico do fatalismo passional. A esse propósito, destaca-se a presença visivelmente enfatizada dos *kuroku*, ajudantes vestidos de negro, essenciais ao bom desempenho no teatro *bunraku*, e que aqui quebram a transparência e verosimilhança fílmica em virtude de um comentário metafísico sobre a essência do mundo. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quarta-feira [27] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SHO O SUTENO MACHI E DEYOU

"Deitem Fora os Vossos Livros, Vão para as Ruas"

de Shuji Terayama

com Eimei Sasaki, Masahiro Saito, Yukiko Kobayashi, Keiko Niitaka, Akihiro Miwa, J.A. Seazer

Japão, 1971 - 137 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/16

Exercício de libertação da câmara nas ruas, como o próprio título sugere, a primeira longa-metragem de Shuji Terayama intersecciona as deambulações frustradas do seu jovem protagonista com o *zeitgeist* do Japão dos anos da contracultura. Manifestações subversivas, números musicais de intervenção, momentos ácidos de *candid camera* contribuem para o espírito de evasão geral, presente já na peça de teatro e no folhetim agitador com o mesmo nome e do mesmo autor. Segundo Terayama, é preciso abandonar a casa e a família, estruturas máximas de um conservadorismo bafiento, transformando a cidade num livro revolucionário onde fosse possível escrever nas suas margens infinitas. Também o filme assume esse registo errante, desvairado, contrariando radicalmente a concentração centrípeta de O ENFORCAMENTO e "DUPLO SUICÍDIO EM AMIJIMA", até voltar a encontrá-la no momento em que a ficção se revela insustentável. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [28] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MUJO

"Mujo: Esta Vida Transiente"

de Akio Jissoji

com Ryo Tamura, Michiko Tsukasa, Kotobuki Hananomoto, Eiji Okada, Haruhiko Okamura

Japão, 1970 - 143 min / legendado em português | M/16

Primeira longa-metragem de Akio Jissoji, um nome ainda

injustamente desconhecido que, a despeito da grande variedade de projetos em que se envolveu (desde séries infantis de super-heróis na televisão ao cinema erótico grotesco), foi uma figura essencial no último período da nova vaga japonesa. MUJO, termo japonês que poderíamos traduzir por "impermanência", inaugura uma trilogia especulativa e fortemente dialógica rodada para a ART THEATRE GUILD e que tem como tema partilhado a análise de questões budistas na contemporaneidade japonesa. Neste primeiro tomo, Masao, um anti-herói que parece saído de um romance de Dostoievski, vai de transgressão em transgressão para provar a um monge, seu conhecido, que o inferno é a representação máxima da vida terrena bem como a estrutura moral mais defensável. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

► Sexta-feira [29] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DEN-EN NI SHISU

"Pastoral: Morrer no Campo"

de Shuji Terayama

com Kantaro Suga, Hiroyuki Takano, Yoshio Harada, Isao Kimura, Keiko Niitaka, Kaoru Yachigusa

Japão, 1974 - 101 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/16

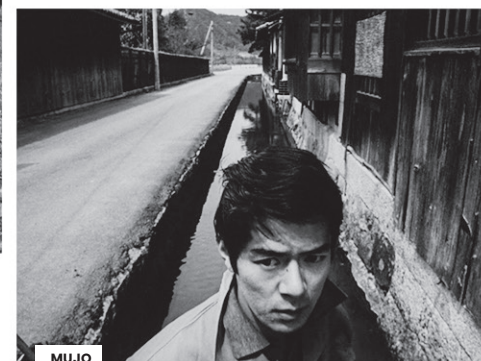
Baseado na coletânea poética *Den'en ni shisu*, "PASTORAL: MORRER NO CAMPO" é o projeto definitivo do dramaturgo, cineasta, e poeta Shuji Terayama. Nele, entrelaçam-se diversos registos artísticos - poesia *tanka*, fotografia, teatro e opereta - com uma ficção pseudo autobiográfica, questionando e desconstruindo os limites da memória, das relações familiares, e do próprio cinema. Uma grande aventura interior e confessional que abre espaço para aquilo que poderíamos chamar de hipocrisia introspectiva, Terayama fecha com chave de ouro a estética dialética de contrações e distensões que a ART THEATRE GUILD desenvolveu durante mais de seis anos e que tentaremos tornar inteligível neste Ciclo. Nesta exibição inédita na Cinemateca, os poemas extradiagéticos serão traduzidos, também pela primeira vez, do japonês para português. Primeira apresentação na Cinemateca.



KOSHIKEI



DEN-EN NI SHISU



MUJO



SHO O SUTENO MACHI E DEYOU



SHINJU: TEN NO AMIJIMA

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

No penúltimo mês do programa que celebra os 50 anos do 25 de Abril, apresentamos as derradeiras propostas de filmes para os eixos “Liberdade” e “Revolução”.



UNE FEMME EST UNE FEMME

LIBERDADE Para não acabar com a *Liberdade*, o último núcleo deste eixo da programação “Que Farei Eu com Esta Espada?” convoca o amor, o desembaraço, a disponibilidade criativa. “No estado de quem não está preso, detido ou em cativeiro” – devolve o dicionário para *liberdade* –, A INVENÇÃO DO AMOR de António Campos alinha com UNE FEMME EST UNE FEMME de Jean-Luc Godard, variando, com Jacques Rozier, DU CÔTÉ D'OROUËT, ou com Philippe Garrel, LIBERTÉ LA NUIT. JAIME de António Reis e LIBERTÉ ET PATRIE de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville refletem universos originais. VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES de Manoel de Oliveira e BRANCA DE NEVE de João César Monteiro são duas obras indissolúveis de gestos radicais dos seus autores, que realizaram um filme para uma posteridade que implicou décadas de pousio nos cofres e um filme que, a meio do caminho, se tornou numa obra “a negro”. No desfecho, o delírio de W. C. Fields apõe-se ao de Luis Buñuel, rimando o nunca suficiente amado THE DENTIST com o mal-amado LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ.

► Segunda-feira [04] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

A INVENÇÃO DO AMOR

de António Campos
com Maria Carolina, Quiné,
Manuel Catarro, Francelino Barros

Portugal, 1965 – 29 min

UNE FEMME EST UNE FEMME

Uma Mulher É Uma Mulher
de Jean-Luc Godard
com Jean-Claude Brialy, Anna Karina, Jean-Paul Belmondo
França, 1961 – 77 min / legendado em português
duração total da projeção: 106 min | M/12

António Campos conta-nos a história de um casal, constantemente em fuga, acossado e perseguido pela população por ter inventado o amor. Esta ficção, que adapta o poema homónimo de Daniel Filipe, é um elo decisivo na obra do realizador, que à época foi visto por muito poucos e durante muito tempo permaneceu invisível por opção do autor (dada a inevitável interdição de censura que vigorou em Portugal até Abril de 1974). A INVENÇÃO DO AMOR partilha a “década de nascimento” com a segunda longa-metragem de Jean-Luc Godard, com a qual rima nesta sessão: UNE FEMME EST UNE FEMME é uma homenagem ao musical americano, filmada em CinemaScope e com cores sumptuosas, encenando um daqueles triângulos em que a obra do cineasta é fértil. Premiado no Festival de Berlim por ter “abanado as regras da comédia cinematográfica”, trata-se de um filme de extrema leveza e elegância, onde Anna Karina tem uma das suas melhores aparições no cinema.

► Terça-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [21] 21h45 | Sala M. Félix Ribeiro

DU CÔTÉ D'OROUËT

de Jacques Rozier
com Danièle Croisy, Françoise Guégan, Caroline Cartier,
Bernard Menez, Patrick Verde
França, 1969 – 150 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Posterior em seis anos a ADIEU PHILIPPINE, a segunda longa-metragem para cinema de Jacques Rozier foi o seu primeiro filme com som direto e mantém-se um título admiravelmente secreto. Numa descrição brevíssima que lhe passa ao lado, é o filme em que três raparigas estão em férias de verão à beira-mar. Rodado em 16 mm, especialmente atento aos exteriores do cenário marítimo e às cores fortes que casam com o mar, a casa, a juventude das raparigas e dos rapazes, DU CÔTÉ D'OROUËT propõe uma crónica sentimental ao correr dos dias. Foi mostrado em Cannes em 1971 e circulou discretamente por essa altura, mas só estreou verdadeiramente em Paris, em 1996, em 35 mm, quase trinta anos depois ter sido concluído. “Com o tempo [DU CÔTÉ D'OROUËT] ganha uma dimensão “à procura do tempo perdido”, disse Jacques Rozier. E ganha.

► Quinta-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

BRANCA DE NEVE

de João César Monteiro
com as vozes de Maria do Carmo, Reginaldo da Cruz,
Ana Brandão, Luís Miguel Cintra, Diogo Dória,
João César Monteiro

Portugal, 2000 – 75 min | M/12

A BRANCA DE NEVE de João César Monteiro adapta uma peça de Robert Walser que retoma o conto dos irmãos Grimm: salva pelo beijo do Príncipe ao sono das trevas, Branca de Neve enfrenta a madrasta e o caçador que esta incita a apunhalar a enteada. João César Monteiro deixou a tela quase sempre negra, com raras imagens de outra cor e as imagens sonoras (as vozes dos atores). Na altura deu brado e foi o escândalo, mas já não vale a pena voltar a ele. Vale a pena é voltar a ver BRANCA DE NEVE, outra vez e outra vez, no escuro da sala, no quarto escuro.

► Segunda-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [25] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LIBERTÉ, LA NUIT

de Philippe Garrel
com Emmanuelle Riva, Maurice Garrel, Christine Boisson
França, 1983 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LIBERTÉ, LA NUIT decorre durante a guerra da Argélia. A narrativa segue duas personagens e a chegada de uma terceira: após muitos anos de vida em comum um casal enfrenta a separação. Ele é professor, ela dedica-se à costura. Ambos se envolvem com a Frente da Libertação Nacional. Eles são as personagens de Maurice Garrel e Emmanuelle Riva num dos mais secretos – e menos vistos – filmes de Philippe Garrel. Um filme belíssimo com um forte contexto político, construído num 35 mm preto e branco noturno rasgado pela luz.

► Sexta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JAIME

de António Reis
Portugal, 1974 – 35 min

LIBERTÉ ET PATRIE

de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville
França, 2002 – 22 min / legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 57 min | M/2

Um dos primeiros trabalhos do poeta do cinema português, António Reis, JAIME, documentário sobre o falecido doente psiquiátrico – também pintor – Jaime Fernandes, irrompeu na nossa cinematografia como um gesto único de solidez e força instintiva. Embora Margarida Cordeiro esteja não creditada, é a primeira colaboração no cinema de Reis e Cordeiro. O máximo de originalidade com o máximo de modernidade. LIBERTÉ ET PATRIE, uma colaboração Godard/Miéville, é um pequeno filme sobre a criação artística, baseado num livro de Ramuz (escritor que Godard muito apreciava) sobre o pintor suíço Aimé Pache.

► Sábado [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES

de Manoel de Oliveira
com Manoel de Oliveira, Maria Isabel Oliveira,
Urbano Tavares Rodrigues, Teresa Madruga,
Diogo Dória

Portugal, 1982 – 68 min | M/12

Realizado no início dos anos 1980 para ser visto como filme póstumo, VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES levou Manoel de Oliveira a filmar a casa da Rua Vilarinha, no Porto, projetada pelo arquiteto José Porto, que fez construir e foi a sua casa de família desde que se casou, em 1940, e durante cerca de quatro décadas mas foi forçado a vender (a “casa da Vilarinha” viria a ser classificada imóvel de interesse público, também pela sua histórica ligação ao modernismo português e pela singularidade como obra arquitetónica, a que estiveram ligados, além de José Porto, Viana de Lima e Cassiano Branco). Entre os momentos associados à vida nessa casa está a reconstituição da detenção de Oliveira pela PIDE, em 1963, altura em que conheceu o escritor Urbano Tavares Rodrigues. Na obra de Oliveira, é o filme seguinte a FRANCISCA, a partir de um argumento próprio com texto de Agustina Bessa-Lúis, fotografia de Elso Roque, som de Joaquim Pinto e montagem coassinada com Ana Luísa Guimarães. VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES é um filme autobiográfico, de “memórias e confissões”, facto que esteve na origem da vontade do realizador em mantê-lo inédito durante o seu tempo de vida. “Uma casa é uma relação íntima, pessoal, onde se encontram as raízes”, “a meu pedido, a Agustina fez um texto, muito bonito, a que chamou *Visita*. E eu acrescentei-lhe algumas reflexões sobre a casa e sobre a minha vida” (Manoel de Oliveira).

► Sábado [30] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DENTIST

de Leslie Pearce
com W. C. Fields, Babe Kane,
Elise Cavanna, Dorothy Granger
Estados Unidos, 1932 – 21 min

LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ

O Fantasma da Liberdade
de Luis Buñuel
com Jean-Claude Brialy, Monica Vitti, Milena Vukotic,
Michel Piccoli, Adriana Asti, Adolfo Celi,
Paul Frankeur, Michel Lonsdale
França, 1974 – 104 min / legendado em português
duração total da projeção: 125 min | M/12

THE DENTIST é um filme pré-Código Hays escrito e protagonizado por W. C. Fields numa das suas quatro associações com Mack Sennett (creditado como produtor da Paramount). São vinte e um minutos em modo *slapstick*, numa torrente de ideias e tiradas que atingem o seu auge na cena do gabinete do dentista. Um pequeno delírio que, na sessão, dá lugar a um outro: penúltimo filme de Luis Buñuel, LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ faz – tão admirável quanto subtilmente – uma síntese de toda a carreira deste cineasta único e ímpar. Paradoxalmente foi, e provavelmente ainda é, um dos seus filmes menos amados. “O FANTASMA DA LIBERDADE é uma imitação dos mecanismos do acaso. Foi escrito num estado consciente. Não é um sonho, nem uma corrente delirante de imagens” (Buñuel).



JAIME

REVOLUÇÃO Este périplo de um ano por manifestações e olhares cinematográficos sobre o tema da revolução conclui-se com um punhado de filmes muito diferentes e de épocas muito distintas, mas todos fortemente ancorados na História do século XX. O díptico de Mikhail Romm sobre Lenine, encomenda oficial para assinalar o 20º aniversário da Revolução de Outubro; o filme de Xie Jin, "A CIDADE DOS HIBISCOS", um dos primeiros exames críticos da Revolução Cultural no cinema da China Popular; um clássico do cinema "libertário" dos anos 1970, os MISTÉRIOS DO ORGANISMO, de Dusan Makavejev; o PANTHER, de Mario van Peebles, a contar a história dos Black Panthers; e o BUONGIORNO, NOTTE, de Marco Bellocchio, primeiro mergulho do realizador italiano no traumático caso do rapto e assassinio de Aldo Moro pelas Brigadas Vermelhas.



BUONGIORNO, NOTTE

- ▶ Sábado [02] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quinta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FU RONG JEN

"A Cidade dos Hibiscos"
de Xie Jin
com Jian Wen, Liu Xiaqing

China, 1986 - 164 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos primeiros filmes que, na China Popular, procederam a um exame crítico (e em larga medida condenatório) do período da Revolução Cultural, numa tendência da produção chinesa que foi fomentada até à década de 1990. "A Cidade dos Hibiscos", realizado pelo "histórico" Xie Jin, conta a história de um grupo de personagens, marginalizado e violentado durante a Revolução Cultural (apesar do seu entusiasmo pelo processo) e o modo como sobreviveram nos anos seguintes. Foi um grande sucesso de público na China, mas quase não foi visto no estrangeiro.

- ▶ Segunda-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

LENIN V OKTIABR

"Lenine em Outubro"

de Mikhail Romm
com Boris Chtchukine, Nicolai Okhilopkov, Vassili Vanine
URSS, 1937 - 110 min / legendado em português | M/12

Uma encomenda oficial para o 20º aniversário da Revolução de Outubro, que faz parte de um díptico realizado por Mikhail Romm, um dos eminentes cineastas da sua geração que, como quase todos, teve de pagar o seu tributo aos ditames políticos. LENIN V OKTIABR conta a história do regresso de Lenine da Finlândia para a Rússia e as tentativas do poder burguês para o assassinar antes de tomar na mão a insurreição operária e levar os bolchevistas à vitória.

- ▶ Quarta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [27] 22:00 | Sala M. Félix Ribeiro

BUONGIORNO, NOTTE

Bom Dia, Noite
de Marco Bellocchio
com Maya Sansa, Luigi Lo Cascio, Roberto Herlitzka,
Paolo Briguglia, Pier Giorgio Bellocchio
Itália, 2003 - 106 min / legendado em português | M/12

Uma ficção baseada em factos reais: o rapto, e subsequente assassinio, de Aldo Moro pelas Brigadas Vermelhas em 1978. Um filme inspirado por um evento trágico que traumatizou Itália e que, com a singularidade que é característica de Bellocchio, se centra no ponto de vista de Chiara, uma das revolucionárias, que tem por função vigiar o prisioneiro.

- ▶ Quinta-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

W.R.: MISTERIJE ORGANIZMA

W.R.: Os Mistérios do Organismo
de Dusan Makavejev
com Milena Dravic, Jago Da Kaloper, Ivica Vidovic,
Zoran Radmilovic, Miodrag Andric
Jugoslávia, 1971 - 84 min / legendado em português | M/12

Reflexão, entre a anarquia e o vanguardismo, das teses do psicanalista Wilhelm Reich sobre a repressão sexual, as suas consequências na personalidade e a forma como se relacionam com a atividade política, realizada pelo mais célebre e cosmopolita realizador da ex-Jugoslávia. O filme integra imagens do cinema de propaganda estalinista, ao modo de uma colagem.

- ▶ Terça-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

PANTHER

de Mario Van Peebles
com Kadeem Hardison, Courtney B. Vance,
Marcus Chong, Angela Bassett

Estados Unidos, 1995 - 123 min
legendado eletronicamente em português | M/12

A primeira tentativa cinematográfica de contar a História do movimento dos Black Panthers, ainda que numa versão semi-romanceada (aspecto, de resto, muito criticado na época da estreia). Mario Van Peebles adapta um livro escrito pelo seu pai (o lendário Melvin Van Peebles, também realizador, pioneiro do "black cinema" americano), Courtney B. Vance e Marcus Chong dão corpo a Bobby Seale e Huey P. Newton, fundadores dos Black Panthers, e o elenco está repleto de atores reconhecíveis e bastante famosos, de Angela Bassett a Chris Rock.

- ▶ Quarta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

LENINE V 1918 GODU

"Lenine em 1918"

de Mikhail Romm
com Boris Chtchukin, Nikolai Bogoliubov
URSS, 1938 - 112 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois de adaptar em 1934, BOULE DE SUIF de Maupassant, Romm assinou em 1937 e 1938 os seus dois famosos filmes biográficos sobre Lenine, em que, pela primeira vez, a figura de Vladimir Ilitch foi interpretada por um ator: Boris Chtchukin. LENINE EM OUTUBRO (1937) teve estreia de gala no Bolshoi, a 7 de novembro desse ano, comemorando o 20º aniversário da revolução. "Lenine em 1918" foi igualmente muito apreciado. Mas como o lugar de Estaline era demasiado evidente, em 1956 foi remontada uma nova versão do filme, com sete minutos a menos. Estaline desapareceu. Mas conservou-se a versão de 38, que é a que veremos, ainda com o "pai dos povos" como filho bem-amado de Lenine.



FU RONG JEN

ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES



TERRA EM TRANSE



VIDAS SECAS

A História do cinema brasileiro confunde-se com a de Luiz Carlos e Lucy Barreto. Se “uma câmara na mão e uma ideia na cabeça” caracterizam o Cinema Novo brasileiro, foi Luiz Carlos Barreto um dos maiores responsáveis por reunir as condições necessárias para que essa visão minimalista e revolucionária se legitimasse para além de um manifesto, tornando-o uma realidade expressiva e potente que revelava as contradições e a complexidade do Brasil da época.

O início da carreira do produtor como jornalista e fotógrafo na revista *Cruzeiro* foi crucial para se aproximar de realizadores emergentes do Cinema Novo, como Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha. Foi através desta cadeia de relações que se viria a estreitar como argumentista de *O ASSALTO AO TREM PAGADOR* (1962), cujo sucesso comercial abriu portas para que este se tornasse diretor de fotografia e produtor de filmes como *VIDAS SECAS* e *TERRA EM TRANSE*, ambos incluídos neste Ciclo, que tanto ajudaram a cimentar a posição do movimento no panorama global, como a definir o apelido Barreto como sinónimo de produção de cinema no Brasil. O realizador Carlos Diegues falou da casa de Lucy e Luiz Carlos Barreto enquanto um “ponto de encontro, um espaço onde não só se trabalhava, mas também se sonhava e planeava o futuro do cinema brasileiro”. Com certeza terá partido daí a motivação para fundar, em 1963, juntamente com Lucy Barreto, a L.C. Barreto Produções Cinematográficas, que entre produções e coproduções conta com uma filmografia que ultrapassa os 150 títulos e onde o casal se mantém ativo até hoje.

A Cinemateca lembra o legado da família Barreto, evidenciando não apenas a importância histórica de Lucy e Luiz Carlos, mas também a continuidade desta herança pelas mãos dos seus filhos: Bruno Barreto, destacou-se internacionalmente como realizador de *DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS* (1976), um dos maiores sucessos comerciais do cinema brasileiro; Fábio Barreto realizou *O QUATRILHO* (1995), que foi nomeado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro; e Paula Barreto que tomou entretanto as rédeas da produtora. A diversificação de géneros e o olhar atento ao mercado internacional foram prioritários, e continuam a sê-lo, procurando expandir as fronteiras do cinema brasileiro para além dos seus temas tradicionais, apostando em obras que conciliam a crítica social com a linguagem popular, mantendo a filosofia da sua génese.

O Ciclo que aqui se apresenta – composto por restauros digitais realizados pela produtora – celebra os 60 anos de trabalho desta família que soube reinventar-se ao longo das décadas. Como disse a atriz Sonia Braga, “há um cinema brasileiro antes e depois dos Barreto”.

▶ Quarta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O QUATRILHO

de Fábio Barreto

com Glória Pires, Patricia Pillar,
Alexandre Paternost, Julia Barreto

Brasil, 1995 – 92 min / legendado em inglês | M/12

COM A PRESENÇA DE JULIA BARRETO

Candidato ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1996, *O QUATRILHO* foi feito com um olho no mercado internacional e no arranque da “retomada” do cinema brasileiro após o deserto dos anos da presidência Collor de Mello. O título faz alusão a um jogo de cartas em que os quatro jogadores devem fazer batota para ganhar. A história, situada no sul do Brasil, começa em 1910, período em que a imigração italiana era forte na região e segue a história de dois casais, o “quatrilho” do título.

▶ Quinta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Segunda-feira [18] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DONA FLOR E OS SEUS DOIS MARIDOS

de Bruno Barreto

com Sonia Braga, José Wilker, Mauro Mendonça

Brasil, 1976 – 110 min / legendado em inglês | M/12

Imenso sucesso comercial no Brasil e internacionalmente, esta adaptação do romance homónimo de Jorge Amado fez de Sonia Braga uma vedeta. Filho de Luiz Carlos Barreto, Bruno Barreto, então com apenas 20 anos, optou por um cinema perfeitamente “limpo” e decorativo para contar a história da “bigamia” de uma mulher que vive ao mesmo tempo com o seu bem comportado marido e com o fantasma do irreverente e falecido primeiro marido.

▶ Sexta-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sábado [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

BYE BYE BRASIL

de Carlos Diegues

com José Wilker, Betty Faria, Fábio Jr.

Brasil, 1980 – 100 min / legendado em inglês | M/12

Utilizando o circo enquanto metáfora para o cinema, na forma de “Caravana Rollidei” – e na citação de *O ÉBRIO*, de Gilda de Abreu – *BYE BYE BRASIL* apresenta uma reflexão sobre formas de entretenimento que já não convidam ninguém. Quem lhes ficou com o lugar? A televisão. Neste *roadmovie* de abordagem documental, Salomé, Lorde Cigano e Andorinha deparam-se não apenas com a modernização tecnológica, mas também com as transformações sociais e económicas de um Brasil em mudança. À data da sua estreia o *The New York Times* escreveu que este era “um inventário psicológico de um país à beira de um desenvolvimento económico e industrial extraordinário, um relato de viagem através de uma nação que ainda não existe”, mas talvez quem tenha razão seja João Bénard da Costa quando disse que, talvez, no século XXI, este filme só apareça como nostálgico produto de outras eras.

▶ Sexta-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

GARRINCHA, ALEGRIA DO POVO

de Joaquim Pedro de Andrade

Brasil, 1962 – 60 min / legendado em inglês | M/12

“Só sei fazer cinema no Brasil, só sei falar de Brasil, só me interessa o Brasil” terá dito Joaquim Pedro de Andrade, não fosse este uma figura central do Cinema Novo Brasileiro. Feito principalmente a partir de imagens de arquivo – algumas da autoria de Luiz Carlos Barreto – este documentário, que trata o futebol como um fenómeno social, acompanha Mané Garrincha, lendário jogador da seleção brasileira que se caracterizava por ter as pernas tortas e cujo declínio começou pouco depois da estreia deste filme. Nas palavras de Glauber Rocha, *GARRINCHA, ALEGRIA DO POVO* poderia definir-se como “um cinema de autor realizado numa expressão técnico-estética, em que ideia e *mise-en-scène* significam um corpo ativo de realismo crítico.”

▶ Sábado [09] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TERRA EM TRANSE

de Glauber Rocha

com Jardel Filho, Paulo Autran, José Lewgoy, Glauce Rocha

Brasil, 1967 – 105 min / legendado em inglês | M/12

“Filme admirável, negro poema, *TERRA EM TRANSE* mostra como se fazem e se desfazem, no ‘terceiro mundo europeu’, as ditaduras tropicais”, escreveu à época Marguerite Duras. Longe do sertão e dos cangaceiros, inteiramente situada no Rio de Janeiro, a terceira longa-metragem de Glauber Rocha é sem dúvida o mais “cinematográfico” dos seus filmes. O protagonista é um jornalista que oscila entre um potencial tirano de esquerda e um potencial tirano de direita. Começando pela agonia do protagonista, o filme desenrola-se num longo *flashback*, numa montagem fragmentada, mas absolutamente coerente.

▶ Segunda-feira [11] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Terça-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

VIDAS SECAS

de Nelson Pereira dos Santos

com Atila Iório, Genivaldo Lima, Gilvan Lima,
Maria Ribeiro, Jofre Soares

Brasil, 1963 – 101 min / legendado em inglês | M/12

Apesar de todas as diferenças entre os dois países e as épocas em que a ação se passa, o filme de Nelson Pereira dos Santos tem um ponto em comum com *THE GRAPES OF WRATH*: acompanha a saga de uma miserável família de camponeses, pressionada pela seca e pelas terríveis condições sociais, que emigra a pé, em luta pela sobrevivência. Baseado no romance homónimo de Graciliano Ramos, *VIDAS SECAS* é um filme seco e preciso, que consegue conciliar a descrição de uma situação social e a interiorização das personagens. Nas palavras de João Bénard da Costa, o filme faz-nos “aceder à mesma dimensão exaustiva e excessiva que o romance de Graciliano Ramos nos dá. Filme tão seco quanto as vidas que narra e tão perto de pegar fogo quanto o sertão que lhe serve de moldura”.

A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN’S FILM FESTIVAL

Num momento de particular importância face aos acontecimentos da História muito recente a Cinemateca associa-se, pelo terceiro ano consecutivo, ao Olhares do Mediterrâneo – Women’s Film Festival, festival centrado na produção cinematográfica dos dois lados da bacia mediterrânica, e em particular em filmes realizados por mulheres. O festival organiza este ano – de forma quase inevitável – um foco intitulado Olhares da Palestina, que entre curtas e longas-metragens (documentais, de ficção ou experimentais), oferece uma pequena, mas diversificada amostra de trabalho maioritariamente produzido na diáspora, por cineastas palestinianas. Forçosamente políticas, as cinco sessões que aqui se apresentam são atos de resistência realizados por mulheres que encontraram no exílio a única opção para continuar a viver e trabalhar. Os registos mostram as feridas deixadas pela História que o presente não deixa sarar. São retratos do passado, das memórias de um povo e de uma luta, que reconstróem o presente, ajudando a entender os factos recentes, e se interrogam sobre o futuro. Todos os filmes a exhibir são primeiras apresentações na Cinemateca.



MILH HADHA AL-BAHR

► Segunda-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MILH HADHA AL-BAHR

“O Sal Deste Mar”

de Annemarie Jacir

com Suheir Hammad, Saleh Bakri, Riyad Ideis

Palestina, França, Suíça, Bélgica, Países Baixos, Espanha, Estados Unidos, 2008 – 109 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Soraya, uma jovem palestino-americana nascida em Brooklyn, decide regressar à Palestina, de onde a sua família foi exilada em 1948, determinada a recuperar as poupanças que lhe foram deixadas pelo avô e que estão congeladas num banco em Jaffa. Determinada a lutar pelo que é seu por direito, Soraya decide enfrentar os obstáculos impostos pelas forças ocupantes, numa jornada de resistência num território marcado pela injustiça. Esta é a primeira longa-metragem da realizadora palestiniana Annemarie Jacir.

► Terça-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SILENT PROTEST: 1929 JERUSALEM

de Mahasen Nasser-Eldin

Palestina, 2019 – 20 min

KINGS AND EXTRAS

de Azza El-Hassan

Palestina, Alemanha, 2004 – 62 min

duração total da projeção: 82 min

legendados eletronicamente em português | M/12

THE SILENT PROTEST: 1929 JERUSALEM, conta a história do movimento de mulheres organizado por palestinianas em Jerusalém, em 1929, contra a parcialidade do Alto-comissário Britânico em desfavor dos árabes na revolta do Buraq. Aproximadamente 300 mulheres dirigiram-se à cidade para levar a cabo uma manifestação silenciosa na forma

de uma fila de carros. **KINGS AND EXTRAS** é um *roadmovie* da Palestina à Jordânia, Síria e Líbano, onde a realizadora Azza El-Hassan segue pistas contraditórias e confusas em busca do paradeiro dos filmes da Unidade de Comunicação Social da Organização para a Libertação da Palestina, que tinham o objetivo de mostrar uma imagem autodeterminada da realidade palestiniana e que desapareceram durante a invasão israelita de Beirute, em 1982.

► Quarta-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CANADA PARK

de Razan AlSalah

Canadá, Palestina, Reino Unido, 2020 – 8 min

OUROBOROS

de Basma Alsharif

com Jessica Bellingher, Coleman Collins, Claire de Pimodan

França, Palestina, Bélgica, Qatar, 2017 – 77 min

duração total da projeção: 85 min

legendados eletronicamente em português | M/12

CANADA PARK é um vídeo-poema de cariz experimental que explora a política de desaparecimento da Palestina maioritariamente através de imagens do Google StreetView. A aldeia de Imwas é apagada e Emmaus, aldeia citada na Bíblia, aparece no seu lugar, indicada como local turístico religioso. Uma profecia bíblica e algorítmica autorealizada. De cariz igualmente experimental segue-se **OUROBOROS**, conceito comumente simbolizado com uma serpente que morde a própria cauda, que segue um homem através de cinco paisagens diferentes, subvertendo a representação do trauma mediado pelos meios de comunicação. Procura uma forma de avançar quando tudo está perdido.

► Terça-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PLANET OF THE ARABS

de Jacqueline Reem Salloum

Estados Unidos, 2014 – 9 min

MY LOVE AWAITS ME BY THE SEA

de Mais Darwazah

com Muhannad Halawani, Maryam Kanj, Nael Kanj

Jordânia, Alemanha, 2013 – 80 min

Duração total da projeção: 89 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Inspirado no livro *Reel Bad Arabs*, de Jack Shaheen, **PLANET OF THE ARABS** é uma curta experimental sobre a representação negativa de árabes e muçulmanos levada a cabo por Hollywood. **MY LOVE AWAITS ME BY THE SEA** acompanha, na forma de um documentário poético, a primeira viagem da realizadora Mais Darwazah à Palestina para ir ao encontro de um amante desconhecido. Entre o conto de fadas e a realidade encontra-se um lugar para questionar a indefinição do lugar e a necessidade de acreditar nos sonhos.

► Quinta-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

3000 LAYLA

“3000 Noites”

de Mai Masri

com Maisa Abd Elhadi, Nadiri Omran, Rakeen Saad

Palestina, França, Jordânia, Líbano, 2015 – 103 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Falsamente acusada e encarcerada numa prisão israelita, uma professora palestiniana recém-casada dá à luz atrás das grades. Este filme baseado numa história verídica e filmado numa prisão real, acompanha a jornada de resiliência, e essencialmente sobrevivência, de uma jovem mãe que luta para criar um filho em condições deploráveis tentando manter a esperança numa situação gerada pela injustiça

A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM: TRINH T. MINH-HA

Em nova colaboração com o seminário Doc's Kingdom – que decorre este ano em Odemira entre 19 e 23 de novembro – a Cinemateca dará a ver uma das obras aí apresentadas e na presença da sua realizadora: **NAKED SPACES: LIVING IS ROUND**, de Trinh T. Minh-ha.

► Segunda-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NAKED SPACES: LIVING IS ROUND

de Trinh T. Minh-ha

com Barbara Christian, Trinh T. Minh-ha, Linda Peckham

Mauritânia, Mali, Burkina Faso, Togo, Benim, Senegal, 1985 – 135 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE TRINH T. MINH-HA

A primeira longa-metragem da conceituada realizadora de origem vietnamita acompanha três vozes femininas representativas de diferentes heranças culturais e modos de perceber o mundo. Trinh T. Minh-ha constrói uma desconexão intencional entre som e imagem, criando uma experiência visual e auditiva verdadeiramente desorientadora e poética. A sua abordagem “contra-etnográfica” questiona as relações de poder inerentes à prática de filmar o outro e recusa o enquadramento nos moldes do documentário ocidental. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.



A CINEMATECA COM O CENTRO DE ARTE MODERNA DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A Cinemateca associa-se ao Centro de Arte Moderna da Gulbenkian para a exibição do filme **SAUDADE**, de Katsuya Tomita, no âmbito do Programa “Engawa” que oferece um olhar sobre a imagem em movimento japonesa, destacando questões de memória e identidade no contexto histórico e cultural do Japão.



► Sábado [30] 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SAUDADE

de Katsuya Tomita

com Ayano, Chie Kudô, Chika Kumada

Japão, 2011 – 167 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Katsuya Tomita dedicou mais de um ano a inteirar-se da situação da cidade rural de Kofu, cidade que o viu crescer e que está agora à beira do colapso económico. De entre as ruas desertas e lojas fechadas, emergem histórias de resistência e de busca por pertença, protagonizadas por trabalhadores imigrantes – brasileiros, tailandeses e filipinos – e locais, todos enfrentando desafios numa terra que já não os sustenta. Takeru, um jovem operário e membro do grupo de *hip hop* Army Village, vê-se dividido entre o preconceito e a descoberta do outro, enquanto lida com as dificuldades causadas pela falência dos seus pais. É no cruzamento com personagens que lutam por uma vida digna, equilibrando obrigações e desejos entre o Japão e os seus lares distantes, que a personagem encontra respostas. Com um olhar sensível e autêntico, Tomita capta a melancolia e a força de uma comunidade, incorporando no filme as vidas reais daqueles que cantam e dançam para esquecer a dor.

noémia. Exposição temporária

Entrada livre de 2ª a 6ª feira, das 14h00 às 19h30
até 16 de dezembro

Apresentamos **noémia.**, exposição centrada no arquivo da realizadora Noémia Delgado [MÁSCARAS, 1976], entregue à Cinemateca após a sua morte. Para noémia, desarrumámos o seu arquivo pessoal e insinuamos a figura poligonal da realizadora, num percurso avesso à linearidade e errante como foi a sua carreira.



COM A LINHA DE SOMBRA

Este mês assinala-se a publicação de mais um catálogo de autor da coleção que a Cinemateca vem dedicando aos cineastas portugueses, desta feita sobre a filmografia de José Nascimento, realizador cuja obra foi retrospectiva no passado mês de outubro num Ciclo igualmente intitulado "José Nascimento: Nem Verdade, Nem Mentira". A edição inclui ensaios originais de Ricardo Vieira Lisboa, também organizador do livro, e do escritor António Cabrita, assim como republicações de textos e reportagens de António Roma Torres, Laurinda Alves, Francisco Ferreira, Luís Miguel Oliveira, Maria João Madeira e Vanessa Rato. Além desses, conta igualmente com uma extensa entrevista com o realizador, vários documentos de trabalho, projetos de filmes não realizados, desenhos preparatórios de Ana Pissarra, e perto de duas dezenas de testemunhos de colegas e amigos que trabalharam com José Nascimento ao longo de uma carreira que tem já mais de cinco décadas. A propósito do lançamento deste catálogo, que acontecerá no dia 29, às 17h30, apresenta-se REPÓRTER X na recém-concluída nova cópia digital restaurada do filme. Também em novembro se faz a apresentação de *O Cinema das Palavras: Entrevistas À Pala de Walsh*, a mais recente publicação do *website* cinéfilo que, em 2022, apresentou na Cinemateca o Ciclo "10 anos 'À pala'". Trata-se do segundo livro deste coletivo, depois de *O Cinema Não Morreu: Crítica e Cinefilia À Pala de Walsh* (publicado em 2017). Este novo livro, mais uma vez publicado pela Linha de Sombra, apresenta uma seleção de entrevistas realizadas pelos críticos do coletivo ao longo de mais de uma década de atividade. Com prefácio de Pedro Mexia, o livro inclui entrevistas – algumas delas inéditas – a cineastas internacionais (como os Irmãos Safdie, Apichatpong Weerasethakul, Ryūsuke Hamaguchi e Mia Hansen-Løve), a figuras nacionais (como Miguel Gomes, Vasco Pimentel, Rita Azevedo Gomes), mas também a críticos e pensadores de cinema como Adrial Martin, Alain Bergala, Mark Cousins ou Sylvie Pierre. O lançamento acontecerá no dia 30, às 17h30, e contará com a presença dos editores e de Pedro Mexia, seguindo-se a apresentação de JACQUES RIVETTE, LE VEILLEUR – 1. LE JOUR / 2. LA NUIT, um filme sobre o gosto pela conversa cinéfila, onde Jacques Rivette é entrevistado por Serge Daney, a quem o livro é dedicado.



JACQUES RIVETTE, LE VEILLEUR – 1. LE JOUR / 2. LA NUIT [fotografia de rodagem]

► Sexta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

REPÓRTER X

de José Nascimento

com Joaquim de Almeida, Paula Guedes, Mário Viegas, Jorge Silva Melo, Suzana Borges, Eunice Muñoz, Fernando Heitor, Marcello Urgeghe, Teresa Roby, Rui Reininho, José Wallenstein, Pedro Cabrita Reis

Portugal, 1986 – 102 min

RODAGENS REPÓRTER X

de Edgar Pêra

Portugal, 1985-2024 – 13 min

duração total da projeção: 115 min | M/12

REPÓRTER X inspira-se na personagem e nas ficções rocambolescas do popular "Repórter X", Reinaldo Ferreira, figura mítica do jornalismo português dos anos 1920 cuja vida e obra descreve os nossos "loucos anos 20". Fiel ao espírito da vida e obra de Reinaldo Ferreira, Nascimento realiza um filme marcado pelo policial e pelo mistério, seguindo o estilo folhetinesco do jornalista. O ambiente de REPÓRTER X, noturno e fantasista, recria o imaginário conturbado do entre guerras (com a ascensão dos fascismos) à luz da Lisboa cosmopolita dos anos 1980 – a Lisboa do Frágil. A sessão culmina com a apresentação de um conjunto de imagens inéditas filmadas em vídeo por Edgar Pêra durante a rodagem de REPÓRTER X. Pêra fora aluno de Nascimento no Conservatório de Cinema e tivera em REPÓRTER X um dos seus primeiros trabalhos em cinema, como anotador. Este *making of* é um retrato observacional dos modos de trabalho da produção de cinema em Portugal e, em particular, da direção de José Nascimento. Um documento precioso. REPÓRTER X é apresentado em nova cópia digital produzida no âmbito do PRR.

► Sábado [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

JACQUES RIVETTE, LE VEILLEUR – 1. LE JOUR / 2. LA NUIT

de Claire Denis, Serge Daney

com Jacques Rivette, Serge Daney, Bulle Ogier, Jean-François Stévenin, Jean Babilée

França, 1990 – 124 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado para a série *Cinéma de Notre Temps* (reencarnação moderna da lendária *Cinéastes de Notre Temps* dos anos 60), LE VEILLEUR é um dos poucos filmes feitos em torno da figura de Jacques Rivette. Destinado à televisão, tornou-se um filme muito raramente visto. Estrutura-se numa série de conversas (em cafés e diversos locais de Paris) entre Rivette e Serge Daney. Na verdade, Rivette já tinha assinado um episódio da série, dedicado a Jean Renoir, e, portanto, estava na hora de "passar a ser sujeito de outro cineasta" (como lembrou o produtor André S. Labarthe). Foi Rivette quem sugeriu Daney (a cujas questões responde em entrevista, onde para além de cinema – dos filmes, dos cineastas de eleição, de Bazin, dos Cahiers –, se fala também de pintura) e depois surgiu Claire Denis, que já fora assistente de Rivette em OUT 1, naquele que foi o seu primeiro trabalho depois da escola de cinema. É um retrato em duas partes já que Rivette é "um cineasta da alternância do dia e da noite, do cão e do lobo: um velador da noite em pleno dia, velando o tempo concedido a todos e no espaço – Paris – que a ninguém pertence" (Serge Daney).

ANTE-ESTREIAS

Dois sessões compõem a rubrica de ante-estreias de novembro. Uma sessão dedicada ao formato da curta-metragem de produção independente, outra com a longa-metragem SANTA JOANA DOS MATADOUROS.

► Quinta-feira [28] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MERCÚRIO

de Bernardo Gramaxo

com Lorenzo Nóbrega, Vall Spirit Sant, Fernanda Martins

Portugal, 2024 – 25 min / legendado em inglês

DAMA DA CAPELA

de Ricardo Franco

com Ana Marta Kaufmann, Joana Neves, Manuel Jerónimo

Portugal, 2024 – 16 min

ANEL DE PISTÃO

de Ricardo Franco

com Ana Marta Kaufmann, Ana Isabel Sousa

Portugal, 2024 – 24 min

duração total da projeção: 65 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

Partindo da premissa de que os planetas são pessoas, MERCÚRIO é um ser celeste que vive nos nossos dias e coleciona os nossos sonhos. Curioso com o que os humanos andam a sonhar, todas as noites visita a casa de várias pessoas e grava as suas histórias. Mas esta noite será diferente. DAMA DA CAPELA, parte de uma pintura produzida a partir da descrição de um cego, e tenta imaginar, através de um filme de cariz experimental, quem terá sido a mulher por detrás do retrato. Do mesmo realizador, mas entrando no campo do cinema narrativo, temos ANEL DE PISTÃO, onde duas personagens partem numa viagem de despedida de solteira, e, em vez da sensação de completude que se previa que o casamento pudesse proporcionar, enfrentam antes o terror da dúvida.

► Sexta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SANTA JOANA DOS MATADOUROS

de João Sousa Cardoso

com Constança Carvalho Homem, Ricardo Bueno, Marta Cunha, Joel Sines, Adelaide Teixeira

Portugal, 2014-2024 – 90 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JOÃO SOUSA CARDOSO

SANTA JOANA DOS MATADOUROS é um filme a partir da obra de Bertolt Brecht, rodado no outono de 2014, no antigo Matadouro Industrial do Porto. O ensaio metacinemático trata do mercado do trabalho em dias de crise económica na Europa, explora as possibilidades do cinema nas suas relações com o teatro e reúne um elenco de atores profissionais, amadores, reconhecidos artistas de diversas disciplinas e um grupo de habitantes do vale de Campanhã, em situação de desemprego. A sessão é apresentada pelo autor e por André Sousa, artista visual que participou na rodagem e também assina a montagem.



SANTA JOANA DOS MATADOUROS

02 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CINEMATECA JÚNIOR-SÁBADOS EM FAMÍLIA
MONSTER HOUSE
de Gil Kenan

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
LES STATUES MEURENT AUSSI
de Chris Marker, Alain Resnais
LA JETÉE
LE MYSTÈRE KOUMIKO
de Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
FU RONG JEN
"A Cidade dos Hibiscos"
de Xie Jin

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
SANS SOLEIL
de Chris Marker

04 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
A INVENÇÃO DO AMOR
de António Campos
UNE FEMME EST UNE FEMME
de Jean-Luc Godard

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
OLHARES DO MEDITERRÂNEO
MILH HADHA AL-BAHR
"O Sal Deste Mar"
de Annemarie Jacir

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
LENIN V OKTIABR
"Lenine em Outubro"
de Mikhail Romm

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
DIMANCHE À PEKIN
LETTRE DE SIBÉRIE
de Chris Marker

05 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
DU CÔTÉ D'OROUËT
de Jacques Rozier

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
OLHARES DO MEDITERRÂNEO
THE SILENT PROTEST: 1929 JERUSALEM
de Mahasen Nasser-Eldin
KINGS AND EXTRAS
de Azza El-Hassan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
OLYMPIA 52
de Chris Marker

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
OLHARES DO MEDITERRÂNEO
PLANET OF THE ARABS
de Jacqueline Reem Salloum
MY LOVE AWAITS ME BY THE SEA
de Mais Darwazah

06 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
BUONGIORNO, NOTTE
de Marco Bellocchio

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
O QUATRILHO
de Fábio Barreto

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
A INVENÇÃO DO AMOR
de António Campos
UNE FEMME EST UNE FEMME
de Jean-Luc Godard

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
OLHARES DO MEDITERRÂNEO
CANADA PARK
de Razan AlSalah
OUROBOROS
de Basma Alsharif

07 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
W.R.: MISTERIJE ORGANIZMA
W.R.: Os Mistérios do Organismo
de Dusan Makavejev

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
DONA FLOR E OS SEUS DOIS MARIDOS
de Bruno Barreto

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
BRANCA DE NEVE
de João César Monteiro

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
OLHARES DO MEDITERRÂNEO
3000 LAYLA
"3000 Noites"
de Mai Masri

08 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
BYE BYE BRASIL
de Carlos Diegues

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
...À VALPARAÍSO
de Joris Ivens
DESCRIPTION D'UN COMBAT
de Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
GARRINCHA, ALEGRIA DO POVO
de Joaquim Pedro de Andrade

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
LES STATUES MEURENT AUSSI
de Chris Marker, Alain Resnais
LA JETÉE
LE MYSTÈRE KOUMIKO
de Chris Marker

09 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CINEMATECA JÚNIOR-SÁBADOS EM FAMÍLIA
KÁŤA A KROKODÝL
"Katia e o Crocodilo"
de Vera Simková

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
TERRA EM TRANSE
de Glauber Rocha

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
BYE BYE BRASIL
de Carlos Diegues

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
LE JOLI MAI
de Chris Marker, Pierre Lhomme

11 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
VIDAS SECAS
de Nelson Pereira dos Santos

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
TOUTE LA MÉMOIRE DU MONDE
de Alain Resnais
SI J'AVAIS QUATRE DROMADAIRES
de Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
LENIN V OKTIABR
"Lenine em Outubro"
de Mikhail Romm

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
LIBERTÉ, LA NUIT
de Philippe Garrel

12 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
PANTHER
de Mario Van Peebles

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
DIMANCHE À PEKIN
LETTRE DE SIBÉRIE
de Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
VIDAS SECAS
de Nelson Pereira dos Santos

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
CARNAVAL DA VITÓRIA
O RITMO DO NGOLA RITMOS
de Antonio Ole

13 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
LENINE V 1918 GODU
"Lenine em 1918"
de Mikhail Romm

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
MONANGAMBÉ
SAMBIZANGA
de Sarah Maldoror

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
LE JOLI MAI
de Chris Marker, Pierre Lhomme

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
LA SIXIÈME FACE DU PENTAGONE
de Chris Marker, François Reichenbach
LA BATAILLE DES DIX MILLIONS
de Chris Marker

14 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
FU RONG JEN
"A Cidade dos Hibiscos"
de Xie Jin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
EL PUENTE
de Juan Antonio Bardem

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
UMA FESTA PARA VIVER
NELISITA
de Ruy Duarte de Carvalho

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
À BIENTÔT, J'ESPÈRE
de Chris Marker, Mario Marret
LA CHARNIÈRE
de Antoine Bonfanti
CLASSE DE LUTTE
de Grupo Medvedkine de Besançon

15 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
80 EGUNEAN
de José Mari Goenaga, Jon Garaño

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
EL AÑO DEL DESCUBRIMIENTO
de Luis López Carrasco

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
NASCIDOS NA LUTA, VIVENDO NA VITÓRIA
de Asdrúbal Rebelo
UM LUGAR LIMPO E ILUMINADO
QUEM FAZ CORRER QUIM?
de Mariano Bartolomeu

21H45 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
COMBOIO DA CANHOCA
de Orlando Fortunato

16 SÁBADO

11H00 | SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA
CADERNETA DE EMOÇÕES

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CINEMATECA JÚNIOR-SÁBADOS EM FAMÍLIA
SESSÃO PRÉMIO MÁRIO RUIVO

16H00 | SALA LUÍS DE PINA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
MESA-REDONDA "DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA"

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
LOIN DU VIETNAM
de Joris Ivens, William Klein, Claude Lelouch,
Jean-Luc Godard, Alain Resnais, Chris Marker

18H30 | SALA LUÍS DE PINA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
O HERÓI
de Zezé Gamboa

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
TIME TO CHANGE
ALDA E MARIA - POR AQUI TUDO BEM
de Pocas Pascoal

18 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L. C. BARRETO PRODUÇÕES
DONA FLOR E OS SEUS DOIS MARIDOS
de Bruno Barreto

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ERIK HAMPE FAUSTMAN
FRÄMMANDE HAMN
"Porto Estrangeiro"
de Hampe Faustman

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
LEJOS DE ÁFRICA
de Cecilia Bartolomé

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
PRISONER OF HOPE
de Fradique
OXALÁ CRESÇAM PITANGAS – HISTÓRIAS DE LUANDA
de Kíluange Liberdade, Ondjaki

19 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
EL PUENTE
de Juan Antonio Bardem

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
AR CONDICIONADO
de Fradique

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ERIK HAMPE FAUSTMAN
FLICKAN OCH DJÄVULEN
"A Rapariga e o Diabo"
de Hampe Faustman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
...À VALPARAÍSO
de Joris Ivens
DESCRIPTION D'UN COMBAT
de Chris Marker

20 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA LUÍS DE PINA
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
LEJOS DE ÁFRICA
de Cecilia Bartolomé

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
CINÉTRACTS

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ERIK HAMPE FAUSTMAN
NÄR ÄNGARNA BLOMMAR
"Quando os Prados Florescem"
de Hampe Faustman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
NOSSA SENHORA DA LOJA DO CHINÊS
de Ery Claver

21 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
EL SILENCIO DE OTROS
de Robert Bahar, Almudena Carracedo

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
ON VOUS PARLE DU BRÉSIL : TORTURES
ON VOUS PARLE DE PARIS : MASPERO, LES MOTS
ONT UN SENS
ON VOUS PARLE DU BRÉSIL : CARLOS MARIGHELA
ON VOUS PARLE DU CHILI : CE QUI DISAIT ALLENDE
de Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ERIK HAMPE FAUSTMAN
KVINNOHUSET
"Casa de Mulheres"
de Hampe Faustman

21H45 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
DU CÔTÉ D'OROUËT
de Jacques Rozier

22 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA
EL AÑO DEL DESCUBRIMIENTO
de Luis López Carrasco

19H15 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
JOUR DE TOURNAGE
ON VOUS PARLE DE PRAGUE : LE DEUXIÈME
PROCÈS D'ARTHUR LONDON
LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND
de Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ERIK HAMPE FAUSTMAN
CAFÉ LUNCHRASTEN
de Hampe Faustman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
JAIME
de António Reis
LIBERTÉ ET PATRIE
de Jean-Luc Godard, Anne-Marie Miéville

23 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CINEMATECA JÚNIOR–SÁBADOS EM FAMÍLIA/
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
A VISITA
de Virginia Silva
NA CIDADE VAZIA
de Maria João Ganga

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
TOUTE LA MÉMOIRE DU MONDE
de Alain Resnais
SI J'AVAIS QUATRE DROMADAIRES
de Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ERIK HAMPE FAUSTMAN
RESA I NATTEN
"Viagem na Noite"
de Hampe Faustman

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES
de Manoel de Oliveira

25 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
LIBERTÉ, LA NUIT
de Philippe Garrel

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
HISTÓRIAS DO CINEMA: ART THEATRE GUILD/MIGUEL PATRÍCIO
KOSHIKEI
O Enforcamento
de Nagisa Oshima

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
PANTHER
de Mario Van Peebles

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM
NAKED SPACES
de Trinh T. Minh-ha

26 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ERIK HAMPE FAUSTMAN
FLICKAN OCH DJÄVULEN
"A Rapariga e o Diabo"
de Hampe Faustman

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
HISTÓRIAS DO CINEMA: ART THEATRE GUILD/MIGUEL PATRÍCIO
SHINJU: TEN NO AMIJIMA
"Duplo Suicídio em Amijima"
de Masahiro Shinoda

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS
À BIENTÔT, J'ESPÈRE
de Chris Marker, Mario Marret
LA CHARNIÈRE
de Antoine Bonfanti
CLASSE DE LUTTE
de Grupo Medvedkine de Besançon

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ERIK HAMPE FAUSTMAN
FRÄMMANDE HAMN
"Porto Estrangeiro"
de Hampe Faustman

27 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ERIK HAMPE FAUSTMAN
NÄR ÄNGARNA BLOMMAR
"Quando os Prados Florescem"
de Hampe Faustman

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
HISTÓRIAS DO CINEMA: ART THEATRE GUILD/MIGUEL PATRÍCIO
SHO O SUTEYO MACHI E DEYOU
"Deitem Fora os Vossos Livros, Vão para as Ruas"
de Shuji Terayama

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
W.R.: MISTERIJE ORGANIZMA
W.R.: Os Mistérios do Organismo
de Dusan Makavejev

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
BUONGIORNO, NOTTE
de Marco Bellocchio

28 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ERIK HAMPE FAUSTMAN
KVINNOHUSET
"Casa de Mulheres"
de Hampe Faustman

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
HISTÓRIAS DO CINEMA: ART THEATRE GUILD/MIGUEL PATRÍCIO
MUJO
"Mujo: Esta Vida Transiente"
de Akio Jissoji

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
LENINE V 1918 GODU
"Lenine em 1918"
de Mikkail Romm

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ANTE-ESTREIAS
MERCÚRIO
de Bernardo Gramaxo
DAMA DA CAPELA
ANEL DE PISTÃO
de Ricardo Franco

29 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ERIK HAMPE FAUSTMAN
CAFÉ LUNCHRASTEN
de Hampe Faustman

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
HISTÓRIAS DO CINEMA: ART THEATRE GUILD/MIGUEL PATRÍCIO
DEN-EN NI SHISU
"Pastoral: Morrer no Campo"
de Shuji Terayama

19H00 | SALA LUÍS DE PINA
COM A LINHA DE SOMBRA
REPÓRTER X
de José Nascimento
RODAGENS REPÓRTER X
de Edgar Pêra

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ANTE-ESTREIAS
SANTA JOANA DOS MATADOUROS
de João Sousa Cardoso

30 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
CINEMATECA JÚNIOR–SÁBADOS EM FAMÍLIA
GRANDMA'S BOY
de Fred C. Newmeyer

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ
de Luis Buñuel

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
COM A LINHA DE SOMBRA
JACQUES RIVETTE, LE VEILLEUR
– **1. LE JOUR / 2. LA NUIT**
de Claire Denis, Serge Daney

21H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
A CINEMATECA COM O CENTRO DE ARTE MODERNA
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SAUDADE
de Katsuya Tomita

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes - 3,20 €

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 €

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 €

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h00 - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h00 - 22h00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12h30 - 01h00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

VENDA DE BILHETES

BILHETEIRA LOCAL (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

BILHETEIRA ON-LINE www.cinemateca.bol.pt

MODOS DE PAGAMENTO DISPONÍVEIS: Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0.50€ para montantes inferiores a 10,00 €

(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0.40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

MAIS INFORMAÇÕES: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

PONTOS DE VENDA ADERENTES (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)